

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO

LUCIANO PRADO DA SILVA

¿QUIÉN SOY YO?
A FRAGMENTAÇÃO DO SUJEITO MEXICANO EM LA
***FRONTERA DE CRISTAL*, DE CARLOS FUENTES**

NITERÓI
2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS
INSTITUTO DE LETRAS
COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO

¿Quién soy yo?

A fragmentação do sujeito mexicano em *La frontera de
cristal*, de Carlos Fuentes

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação
em Letras da Universidade Federal Fluminense,
como requisito parcial para obtenção do Grau de
Mestre: Área de concentração: Estudos de
Literatura.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª SONIA Regina Aguiar TORRES da Cruz
Aluno: Luciano Prado da Silva

Niterói
2010

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

S586 Silva, Luciano Prado da.
?Quién soy yo? A fragmentação do sujeito mexicano em *La frontera de cristal*, de Carlos Fuentes / Luciano Prado da Silva. – 2010.
133 p.
Orientador: Sonia Regina Aguiar Torres da Cruz.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2010.
Bibliografia: p. 128-133.

1. México. 2. Estados Unidos - Fronteira. 3. Diversidade cultural. 4. Fuentes, Carlos, 1928 – . - Crítica e interpretação. I. Cruz, Sonia Regina Aguiar Torres da. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Letras. III. Título.

CDD M863.009

1. 371.010981

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
EXAME DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS DE LITERATURA
SUBÁREA: LITERATURAS HISPÂNICAS

Mestrando: Luciano Prado da Silva

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^ª Dr^ª SONIA Regina Aguiar TORRES da Cruz (UFF), Orientadora

Prof^ª Dr^ª Ana Cristina dos Santos (UERJ), Titular

Prof^ª Dr^ª Gladys Viviana Gelado (UFF), Titular

Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia Miranda Diogo (UERJ), Suplente

Prof. Dr. Maurício de Bragança (UFF), Suplente

Niterói, 26 de fevereiro de 2010

A toda minha família. Sempre.

Agradecimentos

À minha querida orientadora, Professora Doutora Sonia Torres, pelo conhecimento dialogado e pela confiança em meu trabalho.

Às Professoras Doutoradas Magnólia Brasil e Viviana Gelado, e ao Professor Doutor Maurício de Bragança, pelo apoio e pelos valiosíssimos ensinamentos transmitidos.

A todos os Professores e colegas com os quais dividi o prazer do convívio durante a Graduação e o curso de Mestrado.

¿Por qué el aire de la costa es de cristal y el aire de la meseta de excremento?

Carlos Fuentes

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo abordar de que maneira a literatura de Carlos Fuentes, à luz da leitura de seu romance *La frontera de cristal* (1995), problematiza os históricos laços de fascínio e repulsa entre mexicanos e estadunidenses. Há quase duzentos anos, o avanço das linhas de fronteira dos Estados Unidos viria de encontro à instabilidade limítrofe de um México ainda em busca de unidade identitária e política. Desde então, esses dois países passaram a travar relações que atravessam os habitantes dos dois lados da fronteira que têm entre si. Na construção da obra aqui analisada, chama atenção a representação do abalo da noção de nacionalidade de homens e mulheres que têm a fronteira quase como uma Terceira Nação. Mas sobressai, também, o representar da vitalidade do mexicano ante a corrupção de seus governos e a humilhação vivida no “eldorado” norte-americano. Desse modo, o presente estudo visa a, junto à narrativa ficcional ora em relevo, lançar olhar inquiridor sobre a complexa história de colisões e entrecruzamentos culturais que até hoje marcam os vínculos existentes entre mexicanos e anglo-americanos.

ABSTRACT

*This M.A. thesis proposes to discuss ways in which Carlos Fuentes's novel **La frontera de cristal** (1995) problematizes the historical repulsion/fascination between Mexicans and "Anglos". Almost 200 years ago, the advance of the U.S. border collided with Mexico – a fledgling nation in search of political identity and unity. Since then, the two countries established relations across both national and individual borders. In the construction of Fuentes's work, one of the foremost elements that demands attention is the representation of how notions of nationality become unsettled for men and women who experience the border as inbetweenness, as a Third Nation. Also worthy of note is the representation of Mexican vitality vis-à-vis State corruption, as well as the humiliation of being considered second-class U.S. citizens from "el otro lado". Taking these points into consideration, the present study aims at offering an inquiring gaze into the complex history of cultural collisions and intersections which continue to mark Mexico-U.S. relations.*

Apresentação

(ou)

Breve história de como tudo começou

Eu não sabia, mas este trabalho acadêmico começou com um jogo, há algo mais do que duas décadas. Naquela época, eu tinha entre onze e doze anos de idade quando ganhei de um tio querido o jogo de tabuleiro *WAR*, que ostentava o seguinte subtítulo em espanhol: *El juego de la estrategia*.

É bem provável que a razão da escolha de um título em inglês haja ocorrido em muito pelo status hegemônico dessa língua, ancorado na sedutora influência que a cultura norte-americana exercia (e exerce ainda hoje) sobre os jovens (não somente eles) do mundo todo em fins do século XX (e muito antes também). Eram somente três letrinhas – *WAR*; no entanto, três letrinhas – *WAR* – de um idioma que muitos queriam e querem falar: o inglês; e não o dos ingleses (*seguro que no*), mas o dos norte-americanos. E é claro que tal influência e tamanho desejo também me seduziram durante um bom tempo. Pena isso não ter perdurado, apesar da insistência em idas e vindas em cursos de línguas. O fato é que toda vez que eu jogava o *WAR* o que me

encantava mesmo (creio, até, em igual proporção a ganhar repetidas vezes de meus irmãos menores) era insistir na pronúncia da frase “*El juego de la estrategia*”.

Hoje, entendo que a presença de um subtítulo escrito em castelhano talvez denotasse apenas o país onde o brinquedo fora fabricado: um Paraguai, uma Argentina ou, quiçá, um México. Entretanto, o encanto pela prosódia daquela frase, pronunciada insistentemente em um espanhol um tanto pior que o de agora, faz com que eu pense nos indícios de uma predileção pelo idioma hispânico em detrimento do anglo-saxão. Anos mais tarde, certo Carlos Fuentes, autor da obra-base deste projeto, e Sonia Torres, hoje minha orientadora na Universidade Federal Fluminense, viriam a provar-me o quanto algumas predileções são prejudiciais ao pesquisador. Desse modo, por saber necessitar do conhecimento da língua inglesa, dado o tema que escolhi – ou seja, a questão da fronteira México-EUA, tão presente na obra de Fuentes –, posso garantir que tenho me esforçado no aprendizado do idioma dos estadunidenses, infelizmente, até hoje sem grandes avanços. Contudo, tornemos à apresentação, posto que o que começara com um jogo não terminava ali.

Eu não sabia, mas o presente trabalho acadêmico teve continuidade quando, anos antes de pensar em prestar vestibular para algum curso de Letras, ganhei (e escolhi) de uma prima professora de língua portuguesa livros há muito relegados ao esquecimento em caixas de papelão repletas de traças e cupins. As obras incluíam exemplares sobre a história das Américas; um exemplar com as cartas de relatos de Hernan Cortez aos reis de Espanha; outro que tratava sobre início, meio e fim dos anos de supremacia e de mandos e desmandos do PRI (Partido Revolucionário Institucional) à frente dos destinos políticos do México; e, por fim, estavam também entre os livros escolhidos os dois tomos, editados em 1960 pela mexicana Editorial Porrúa, de a *Historia verdadera de la conquista de La Nueva España*, obra concebida por “um tal” Bernal Díaz Del Castillo.

Eu não tinha ainda o conhecimento; porém, este trabalho científico começou a assentar um lugar cativo em algum canto escondido da minha mente quando, já nos primeiros períodos de minha graduação em Letras (Português-Espanhol, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro), fui apresentado pela Professora Ana Cristina dos Santos a um vídeo e a textos de Carlos Fuentes, todos eles constituintes de sua obra ensaística *El espejo enterrado* (1992). Hoje, é meu dever confessar que acabei por me ver enlevado pela escrita e

dicção de Fuentes, pela maneira envolvente com que ele tratava de passado e presente do furor do encontro entre a América (em especial, o território que viria a ser o México) e a Espanha, e de passado, presente e futuro do furor do encontro entre México e Estados Unidos. Sim, eu não sabia, mas quando fui enfim, ainda no segundo período da graduação, apresentado pela Professora Vera Sant’Anna ao conto “Río Grande, Río Bravo”, último conto de *La frontera de cristal – una novela en nueve cuentos*, estava já, naquele momento, amadurecendo os estudos para uma futura dissertação de mestrado.

Por tudo isso, mesmo sem saber, talvez tenha sido por um desses muitos processos mnemônicos (os quais põem a trabalhar uma cabeça em apuros) que, no momento de querer apresentar projeto de pesquisa para ingresso no Mestrado em Literaturas Hispânicas, eu tenha escolhido o romance *La frontera de cristal* (1995) e toda a carga de implicações que uma análise da obra poderia oferecer.

La frontera de cristal, de Carlos Fuentes, é uma obra constituída por nove contos que, devido à grande força intrínseca a uni-los, acabam por compor um romance. Nesse livro, contam-se as glórias e os infortúnios, a servidão e, ao mesmo passo, a grandeza das personagens de uma família: os Barroso – especialmente de *don* Leonardo Barroso, uma espécie de *self-made man* mexicano, rico,

poderoso e influente. Para tanto, Fuentes utiliza como pano de fundo os históricos laços de amor e ódio, de rancor e admiração entre dois países de conturbadas relações fronteiriças: o México e os Estados Unidos.

Dessa forma, será utilizando esses vínculos históricos como base de sustentação para seus contos tão intimamente interligados que outros personagens e enredos vão, pouco a pouco, sendo apresentados ao leitor. E isso ocorre por intermédio de um narrador que, como um *coyote*¹, atravessa o leitor para o outro lado de uma escrita ora vibrante, pulsante e apaixonante, ora seca, crua e desalentadora; ora óbvia, mas comovente; ora surpreendente, mas execrável; ora suave e poética, ora abjeta e nauseante.

Assim, é a partir do que refletem os prismas do cristal aos cuidados desse narrador cambiante que o modo de vida do mexicano (repleto de tradições, contradições, transculturações e multiculturalismos), atormentado de um lado pela corrupção de seus governos e do outro pela discriminação no “eldorado” norte-americano, vai, aos poucos, sendo revelado e desvelado nessa ficção de Fuentes. Tal feito faz parte da tentativa de afirmação da identidade

¹ O termo designa o guia inescrupuloso que por dinheiro conduz à travessia da fronteira de cristal gente desesperada, mais fadada ao fracasso que ao sucesso.

do mexicano diante do estadunidense, o outro que ele assegura, ou que há muito lhe contam, estar no território que, insiste, por direito histórico, ainda é seu.

No entanto, em sua busca incessante por afirmar-se, o mexicano contido nesses personagens de Carlos Fuentes, antes, fragmenta-se. E, seja diante do cristal dessa igualmente fragmentada fronteira que separa de modo único Primeiro e Terceiro Mundo, seja ante o espelho em que se transforma o rio Grande, rio Bravo (um só rio, dois nomes, duas nações), o mexicano nos personagens da obra em questão observa seu reflexo, como um Narciso às avessas, e se pergunta: *¿Quién soy yo?*

Guiado por esse questionamento, no primeiro capítulo da presente dissertação reflito sobre a conceituação acerca dos termos *nação* e *nacionalismo*, relacionando-os com o conceito de *fronteira* para México e Estados Unidos, no momento em que esses dois países passam a entrar em contato e atrito, em meados do século XIX. Para tanto, foi vital o trabalho com as ponderações do cientista político Benedict Anderson [1989]² (2005), sobre a formação dos estados-nação ainda no século XIX, e o diálogo possível de suas colocações

² Neste parágrafo e nos que seguem a ele nesta seção apresento entre colchetes o ano das primeiras edições das obras de cada autor abordado. Em seguida, entre parênteses, apresento o ano das edições com as quais trabalho em minha dissertação.

junto ao estabelecimento da *frontier thesis* do historiador Frederick J. Turner [1893] (2004), tese essa que serviu como braço histórico legitimador do expansionismo estadunidense. Como complemento as minhas observações dialogo ainda com: os argumentos do historiador David J. Weber (1992), sobre o apagamento conferido pela historiografia norte-americana à marca mexicana na história fronteira entre México/EUA; e com as abordagens do também historiador Rudolfo Acuña (1988), sobre a ocupação, tomada e anexação das terras mexicanas que hoje compreendem o sudoeste norte-americano.

Das páginas seguintes, as do segundo capítulo trazem à baila outras questões que emergem da narrativa do *corpus* de minha análise. Do choque de culturas entre conquistador e conquistado, entre dominador e dominado sobressaem tópicos que ainda tratam do sentimento nacionalista do mexicano, e da indagação sobre a formação de seu *ethos*. Nesse aspecto, dialogo com as posições dos intelectuais mexicanos Samuel Ramos [1934] (1963, 1984) e Octavio Paz [1950] (1959). E é a partir de tal abordagem que vieram à tona a imbricação e a necessidade de trabalhar com algumas das categorias mais abordadas nos estudos contemporâneos acerca dos entrecruzamentos culturais por que passaram (e até hoje passam) os

países latino-americanos. Desse modo, nesse capítulo estendo minha atenção aos conceitos de transculturação, hibridismo, processos de hibridação e heterogeneidade cultural. Daí a relevância que tiveram na tecedura do referido capítulo nomes como os de Fernando Ortiz [1940] (2002), Ángel Rama [1982] (*apud* SOBREVILLA: 2001), John Mraz (2006), García Canclini (1990, 1999) e Cornejo-Polar (1996, 1997).

No terceiro e último capítulo teço a análise do romance *La frontera de cristal*, cruzando diálogo entre minhas interpretações da obra e os tópicos teóricos trabalhados nos capítulos anteriores. Somo, ainda, a esta análise um diálogo entretecido com os estudos ensaísticos do próprio Carlos Fuentes [1992] (1997).

Assim, finalizando esta apresentação, eu não sabia era que uma resposta aparentemente tão simples para a pergunta *¿Quién soy yo?* resultaria tão complexa e, ao mesmo tempo, tão instigante. Sim, eu não sabia. Mas, um trabalho provocado por um jogo ganhou relevância nas reflexões advindas de uma pesquisa científica cuja estrela é um romance que alia em seus nove contos ficção e contemporaneidade. Por isso, convido a vir comigo o leitor.

Capítulo I

A ruptura primeira do cristal: a fronteira e a formação da identidade nacional mexicana

A meu ver, os personagens mexicanos do romance *La frontera de cristal* reconhecem a ruptura primeira do cristal que dá forma a sua nação. Mas, depois, recolhidos os cacos de seu primeiro cristal despedaçado, narrador, enredo e personagens dão forma a uma espécie de colagem de sua joia. E, do mosaico de imagens variadas que surge, ainda assim afirmam ser unos, por necessidade, e por tradição. Pela tradição que os faz aceitar, no máximo, serem filhos de uma mescla primeira entre o indígena e o espanhol. Pela necessidade de que neguem a fragmentária multiplicidade que os conforma, já no cristal segundo, o quartzo frágil da fronteira, diante do outro estadunidense. E, mais ainda (em que pese a força volitiva do personagem-“traidor” *don* Leonardo Barroso), pela necessidade de que neguem qualquer tipo de mescla com o norte-americano, como dissessem (frase minha): “*Soy mexicano. Y eres tú el invasor que está en mi terruño hace más de ciento cincuenta años*”.

“Há mais de cento e cinquenta anos”. Aqui, o tempo. Sim, o tempo. No entanto, talvez mais importante do que prender-nos à frieza de datas seja procurar saber como tudo foi eclodir em 1846 (de novo, datas) na Guerra Mexicano-americana (à qual me deterei com mais atenção em parágrafos posteriores). Antes de serem conclusivos ou irrefutáveis, os dados com os quais busco dialogar a partir de agora mostram a complexidade, as variáveis a que está sujeito o temário da relação conflituosa entre a nação hispano-mexicana e a nação anglo-americana. Pois sim. Nação. Eis a palavra.

Para entender como principiou todo esse histórico que revela, ao mesmo passo, mútuos ressentimento e admiração; para ajudar a compreender um tanto da paixão e do ranço que se imbricam à narrativa de *La frontera de cristal* é necessário que se remonte aos conceitos de nação e nacionalismo. E de como tais conceitos se aplicavam a mexicanos e estadunidenses quando do momento em que eles passam a travar relações.

Sobre o verbete *nação*, o crítico literário Timothy Brennan aponta que a palavra *nação* se refere “tanto ao moderno estado-nação quanto a algo mais antigo e nebuloso – a *natio* – uma comunidade local, um domicílio, uma condição de pertencimento” (BRENNAN: 1990, p. 45, *apud* HALL: 2006, p.58). Assim, ao ter como espécie de

argumento sedutor, envolvente essa dita “condição de pertencimento” – a um só tempo agregadora e excludente, muitas vezes forjada, inventada, imaginada – os modernos estados-nação pouco a pouco foram surgindo aqui e ali, firmando suas bases a partir de uma noção ilusória de harmonia e homogeneidade.

O cientista político Benedict Anderson define *nação* da seguinte maneira:

É uma comunidade política imaginada – e que é imaginada ao mesmo tempo como intrinsecamente limitada e soberana.

É *imaginada* porque até os membros da menor nação nunca conhecerão, nunca encontrarão e nunca ouvirão falar da maioria dos outros membros dessa mesma nação, mas, ainda assim, na mente de cada um existe a imagem da sua comunhão (ANDERSON: 2005, p. 25).

Ao desenvolver seus estudos sobre as origens do nacionalismo, o mesmo Anderson nos dá conta de que o fator nacional e suas implicações seriam em verdade artefatos culturais cuja criação remonta aos finais do século XVIII. Ainda assim, Anderson adverte também que o termo “nacionalismo” se generaliza apenas no final do

século XIX (ANDERSON: 2005, p. 23-4-8). Esses artefatos culturais³ a que se refere Anderson teriam surgido em fins do século XVIII como em questionamento e resposta não somente à opressão dos antigos reinos dinásticos e à legitimidade de seu poder ordenado por Deus; mas inclusive, e principalmente, como um reflexo da insatisfação do que o cientista político chama de “Estados crioulos” em relação ao comando exercido por suas metrópoles imperiais (ANDERSON: 2005, p. 79). E é aqui que a argumentação desenvolvida por Benedict Anderson ganha força e originalidade, chegando a um ponto convergente com parte do temário abordado em minha pesquisa. Quer dizer: contrário à visão eurocêntrica de que os ideais de nação e nacionalismo teriam nascido na Europa, Anderson indica que o ideário nacionalista nasceu, em verdade, nas Américas, onde se sublevaram os ditos “Estados crioulos” contra as metrópoles Espanha e Inglaterra. Assim, da revolta desses Estados e sua consequente independência nasceram as primeiras nações da era moderna, as primeiras comunidades imaginadas. Contudo, a formação de uma ideia da “América” e o apropriar-se do título de “americanos”

³ O autor destaca, grosso modo, dentre tais artefatos: a associação entre uma língua única e limites geográficos definidos; o desenvolvimento do capitalismo mercantil; e o surgimento e progressão da imprensa, que permitiu uma difusão quase-simultânea de conhecimentos em relação às metrópoles e entre as colônias, além de ajudar a propagar os ideais que viriam a legitimar o sentimento, a consciência da qualidade do ser nacional (ANDERSON: *passim*, p. 65-75).

foi algo obtido efetivamente não pelos crioulos de origem católica e hispânica do Centro e do Sul do Novo Mundo, mas antes pelos crioulos anglo-protestantes do Norte. Esses, e não aqueles, estavam em muito melhor posição de obterem tal êxito porque suas

Treze Colônias originais compreendiam uma superfície menor do que a da Venezuela e não ocupavam mais de um terço da Argentina. Estando muito próximas umas das outras em termos geográficos, os centros dos seus mercados, em Boston, Nova Iorque ou Filadélfia, eram facilmente acessíveis a todas elas; as suas populações mantinham laços extremamente estreitos devido tanto à imprensa como ao comércio. Os “Estados Unidos” foram-se multiplicando em número gradualmente nos cento e oitenta anos seguintes, à medida que as populações, antigas e novas, partiam do velho núcleo na costa leste dirigindo-se ao Oeste (ANDERSON: 2005, p. 94-5).

Chamo a atenção para o que se pode inferir da citação acima e que se dá de modo muito particular em relação à nação que hoje conhecemos como os Estados Unidos da América do Norte. Partida, movimento, deslocamento. Escreveu-o Benedict Anderson (2005: p. 26): “A nação é imaginada como *limitada* porque até a maior das nações (...) tem fronteiras finitas, ainda que elásticas (...). Nenhuma

nação se imagina a si própria como tendo os mesmos limites que a humanidade.” Ouso contestar a assertiva benedictiana tendo a nação que nasceu da independência das Treze Colônias como exemplo. Isso porque, após sua independência, “limites”, “fronteiras finitas” foi tudo de que o nacionalismo estadunidense pareceu não querer tomar conhecimento. De modo contrário, elasticidade de fronteiras sim. E os “limites” encontrados em sua costa no Pacífico, ou os divididos pelo rio Grande com o México (que são os que aqui mais me interessam abordar) poderiam até dar-nos a falsa impressão de que o desejo anglo-americano não era o de expandir, esticar suas fronteiras por todo o Novo Mundo. Porém, seu conseguinte histórico de domínio, perdas, retomadas, avanço e conquistas não só por sobre países da América Central bem como de territórios em outros continentes é, a meu ver, prova de que o pensamento estadunidense sobre fronteiras não se deixava imaginar como forma e agente de uma comunidade limitada. Antes, imperial. E universalista.

Mas de que modo é possível inculcar em toda uma jovem nação um espírito expansionista tão feroz, de ação e progressão, de fronteira fluida, de fronteira em movimento? No caso estadunidense é sabido que havia diferenças e divergências sim, mesmo na suposta unidade de suas treze colônias, nos mais variados aspectos, quando do princípio

de seu expansionismo quase desenfreado (ANDERSON: *passim*, p. 94-5). Contudo, na consolidação e legitimação dos Estados-nação modernos entra em jogo a necessidade da constituição e afirmação de uma dita cultura nacional homogênea. A esse respeito, ao relacionar seus estudos sobre cultura, nação e identidade, o teórico Stuart Hall (2006: p. 50) é pontual quando afirma que “As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações”. Ainda segundo Hall:

Uma cultura nacional é um *discurso* – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos (...). As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas (HALL: 2006, p. 50-1).

Desse modo, o discurso pode ser entendido como mais um dos artefatos culturais que ajudaram (e ainda ajudam) no estabelecimento e nas conquistas das modernas nações. Algo que, conforme descreve a Professora Sonia Torres – em seus estudos

etnográficos sobre narrativas literárias hispânicas nos Estados Unidos –, “apagasse da memória nacional as subculturas existentes dentro desses espaços nacionais, e suas línguas correspondentes, o que não impediu que elas continuassem existindo” (TORRES: 2001, p. 20). Nesse ponto, falo de discurso enquanto história; e de história enquanto ficção. De ficção enquanto discurso histórico. De discurso histórico enquanto História; e de História enquanto Ciência. E disciplina. Disciplina que ganha status como tal a partir do segundo quartel do século XIX, com o auxílio e complemento da elaboração e publicação de uma série de revistas próprias. Disciplina que nos Estados Unidos se afirma por intermédio do processo de profissionalização da historiografia, desenvolvido a partir de 1876 – ano em que se inaugura o primeiro seminário de História, na Universidade John Hopkins, o qual foi seguido, já em 1881, pela criação da Associação Americana de História (AHA). Essas instituições tiveram a liderança de Herbert Baxter Adams, personagem-símbolo do processo de consolidação do campo de estudos históricos nos EUA (cf. KNAUSS: 2004, p. 10). Mas, Herbert B. Adams não esteve só nesse processo. Ele pôde contar com a co-participação de outro importante nome para os estudos historiográficos estadunidenses, o historiador Frederick Jackson Turner.

A partir do movimento encabeçado por esses dois nomes, a historiografia norte-americana busca então afastar-se dos moldes de uma historiografia que até aquele momento se caracterizava como arte literária, passando a procurar fundamentar o saber histórico como conhecimento científico. Em contato com a Escola Histórica Alemã, a historiografia anglo-americana se distancia do predomínio da reflexão social sobre as leis gerais da história, em um ato que se agregava, principalmente, ao positivismo, sob os auspícios da crença na objetividade da ciência e do progresso (cf. KNAUSS: 2004, p. 11). Dessa maneira, com o poder de Ciência, de Verdade quase irrefutável o discurso histórico propagado pelos historiadores dos Estados Unidos ganha a importância de artefato cultural legitimador das ações expansionistas da Nação que nascera da independência de treze colônias. E dentre os nomes cujas obras ajudam a propagar essa falsa noção de unidade, homogeneidade em prol do avanço das linhas de fronteira anglo-americanas; dentre as obras que se incorporam à grande narrativa de formação da identidade estadunidense, em um discurso de justificação da força do conquistador e de apagamento das culturas existentes nos territórios conquistados; dentre esses autores, destaque justamente Frederick Jackson Turner. E em especial a sua *frontier thesis*, do mais famoso de seus ensaios, *The Significance of*

the Frontier in American History (“O significado da Fronteira na História Americana”) – publicado originalmente em 1893, na exposição universal de Chicago, dedicada à comemoração do Descobrimento do Novo Mundo (cf. KNAUSS: 2004, p.11).

Como continuidade de minha argumentação sobre a relação História/construção de identidade nacional, o recorte que proponho a partir da obra de Jackson Turner em detrimento à de outros importantes historiadores americanos (por exemplo, à do próprio Herbert B. Adams) se justifica especialmente pela concepção turneriana de fronteira. Com isso, toco na relevância dada por Turner à marcha do homem anglo-americano para o oeste como fator primordial à formação da identidade nacional de seu país. Tal abordagem permite não somente vislumbrar o escopo unilateral do discurso histórico norte-americano conferido ao choque e atravessamento para com as linhas fronteiriças da nação mexicana, mas também avançar e polemizar sobre o significado do termo *fronteira*, em ambos os lados hoje divididos (e unidos) pelo rio Grande, rio Bravo.

Frederick Jackson Turner (1861-1932) é um dos mais conhecidos historiadores dos Estados Unidos, tendo sido professor na Universidade de Harvard e presidente da Associação Americana de

História. Sua obra carrega, ainda hoje, posição de destaque nos estudos que buscam interpretar a democracia estadunidense. E, apesar de ter publicado seus artigos na virada do século XIX para o XX (portanto, décadas após o fim da Guerra Mexicano-americana), sua *frontier thesis* terminou por fundamentar o caráter cambiante das linhas fronteiriças norte-americanas.

A teoria turneriana da fronteira inova por mudar a perspectiva da história dos Estados Unidos, alçando o deslocamento do homem americano para o oeste como responsável pelo desenvolvimento do país. A *frontier* turneriana é explicada como uma linha de fronteira em contínuo avanço a caminho do Oceano Pacífico. E essa marcha ininterrupta se dá devido à existência de *free lands* no Oeste, “terras livres” com o poder de atrair para a região milhares de novos colonos ávidos em fugir da mão opressora do Leste fundador da nação. Nessas propaladas *free lands*, distantes da civilização e em contato direto com a *wilderness* (natureza intocada), eles se viam livres para conquistar igualdade política e, principalmente, econômica. Dessa busca, e até da individualidade que ela viria a gerar, teve origem o mito do *self-made man* – o homem que se faz por conta própria. Desse modo, forjava-se e se regenerava pouco a pouco, mas de maneira continuada, a democracia norte-americana pela progressão da expansão, pois mesmo

os conflitos sociais passavam a ser travados na longínqua *frontier*. Além disso, o embate travado com a *wilderness* afastava cada vez mais o colono de sua origem europeia, moldando aos poucos sua nova identidade, americanizando-o. Turner, portanto, dá à fronteira o caráter de algo móvel, um organismo expansível e mutável, em constante deslocamento rumo ao Oeste, o espaço todo o tempo em progressão, formador da identidade nacional.

Um dos êxitos da prosa persuasiva de Turner está no jogo dialético que seu discurso historiográfico, com valor científico de Verdade, faz para com o tempo. Sua *frontier thesis* – publicada tanto no final do século XIX, quanto nas primeiras décadas do século XX, junto com outros ensaios seus sobre o Oeste como forjador da identidade americana – dialoga com um passado de glórias nacionais, estende-se no presente de seu autor e consegue fincar raízes prontas para influenciar o futuro (ainda que seja um futuro em que muito da história seja apagado). A esse respeito vale a pena tornar a Benedict Anderson, o qual afirma de modo propício que

Se os Estados-nação são amplamente reconhecidos como “novos” e “históricos”, as nações às quais dão expressão política surgem sempre como emanações de um passado imemorial e, o

que é ainda mais importante, *movem-se* gradual e imperceptivelmente em direção a um futuro sem limites. A magia do nacionalismo é converter o acaso em *destino* (ANDERSON: 2005, p. 33 – grifo [*italico*] meu).

Destino. Eis aqui outra palavra interessante. Em oposição ao caráter estático da fronteira natural, Turner conceitua a fronteira segundo o movimento de expansão de uma sociedade. Porém, onde estariam os mexicanos na *frontier thesis*? Não estariam? Nunca estiveram. Apagados que foram pelo discurso historiográfico da fronteira em movimento. Pode-se até tentar inferir que estejam comentados como os indígenas contra os quais se precisou lutar, ou nos espanhóis citados não mais que uma vez. Mas na verdade, o mexicano da *frontier* turneriana está na e faz parte da *wilderness*, da natureza intocada, inanimada. Ele está apagado, nas “terras livres” a serem domadas. Porque há, ademais, outro tema que ajuda a legitimar esse apagamento. Ele atende pelo nome de “destino manifesto”⁴, tema que se enreda ao tecido histórico proposto por Jackson Turner,

⁴ O termo *manifest destiny* foi cunhado em meados do século XIX pelo jornalista John O’Sullivan para justificar a guerra contra o México e o imperialismo norte-americano. Nas palavras do próprio O’Sullivan, “A Providência está conosco. (...) A nação das nações está destinada a manifestar à humanidade a excelência dos princípios divinos. (...) Essa será a nossa história futura, estabelecer na Terra a dignidade moral e a salvação do homem – a verdade imutável e a beneficência de Deus. Para essa missão abençoada às nações do mundo, que estão longe da luz da verdade, a América foi escolhida.” (O’SULLIVAN, 1839, *apud* PORTILHO: 2004, p. 18).

servindo como elo dialógico entre passado, presente e futuro, justificando a Nação. Atesta isso o seguinte comentário de Turner, em 1896, (sobre a ocupação da área do canal do Panamá e as guerras em torno das ilhas espanholas no Caribe e no Pacífico, que resultaram na anexação de Porto Rico, das Filipinas e do Havaí):

Por aproximadamente três séculos o fato dominante na vida americana foi a expansão. Com a colonização da costa do Pacífico e a ocupação das *terras livres*, esse movimento chegou a um limite. Dizer que essas energias expansionistas não continuam mais operando seria um prognóstico demasiado apressado; e os clamores de uma vigorosa política diplomática, de um canal interoceânico, de reviver nosso poder sobre os mares e em prol da extensão da influência americana a ilhas afastadas e *países adjacentes*, são indicações de que o movimento vai continuar (*apud* KNAUSS: 2004, p. 14 – grifo meu).

Após Turner, outros nomes seriam importantes para a historiografia norte-americana. Mas, como a maioria viria a seguir seus preceitos, o mexicano, em aparecendo em seus estudos históricos, figuraria, grande parte das vezes, estereotipado. É o que demonstra

David J. Weber, um historiador anglo mais preocupado com o apagamento do mexicano no discurso histórico estadunidense:

Cuando los historiadores norteamericanos se han ocupado de los mexicanos durante estos años [1821-1846], los han reducido casi siempre a estereotipos. En particular, los californios han sido caracterizados como descuidados, como a la buena de Dios y como infantiles (J. WEBER: 1992, p. 21).

Ainda no que toca ao tratamento turneriano dado à história, há que se considerar a delimitação da historicidade de sua historiografia. Afinal, como o próprio Turner afirma em um de seus ensaios: “Cada época tenta formar sua própria concepção do passado” (TURNER: 1961, p. 17, *apud* KNAUSS: 2004, p. 15). Mesmo assim, não me permito deixar de apontar que a fórmula nacionalista de Jackson Turner, sua maneira de recompor a história, serviu como instrumento útil ao nacionalismo anglo-americano e seu intento de apagamento de culturas dominadas. Não é à toa que o narrador de *La frontera de cristal* diz (no conto/capítulo com o sugestivo título “Los Despojos”), fazendo uso da ironia que permeia boa parte da narrativa, que o personagem principal Dionisio costumava chamar o país estadunidense de “los Estados Unidos de Amnesia” (FUENTES:

2007, p. 65). A esse respeito, importa a colocação de que também contribuiu de forma significativa para tal “amnésia”, tal apagamento a inércia mesmo de historiadores mexicanos, nos tempos posteriores às perdas territoriais de seu país. Segundo J. Weber, esses historiadores

[h]an tocado superficialmente la historia general de su patria durante los primeros decenios que siguieron a su independencia, *debido* entre otras cosas a que fueron años caóticos, de amarga memoria. En particular, han pasado por alto casi completamente el acontecer interno en el extremo norte entre 1821 e 1846, probablemente porque esa región ya no pertenece a México. *Esto dejó el campo a los historiadores de Estados Unidos, los cuales lo ocuparon con celeridad* (J. WEBER: 1992, p. 20-1 – grifo meu).

De volta à conceituação do termo *fronteira*, é interessante a confrontação bilateral de seus significados. De um lado temos Turner escrevendo sobre territórios que apresentavam “condições de fronteira” (*apud* KNAUSS: 2004, p. 28). Isto é, sob a perspectiva turneriana, regiões com condições de receber e quem sabe prolongar o avanço das linhas anglas. Por outro lado, David J. Weber afirma que

[l]a definición más clásica de frontera como la parte de un país que linda con otro (la cual coincide con la acepción de principios del siglo XIX de la palabra inglesa *frontier* y con el significado tradicional de *frontera* en español), sugiere que la zona de la frontera norte de México estuvo por completo durante decenios y antes de su adquisición por Estados Unidos dentro de la Alta California [a Califórnia, hoje, estadunidense] Nuevo México y Texas (J. WEBER: 1992, p. 27).

Contudo, o mesmo David J. Weber adverte que por volta de 1844, para o governo mexicano: “La palabra frontera no se empleaba entonces para designar sólo provincias limítrofes” (J. WEBER: 1992, p. 28). Isto porque, sabedor do interesse estrangeiro em seus territórios recém-independentes da Espanha, o México considerava um estado fronteiriço ou não de acordo com a probabilidade de maior ou menor ameaça de invasão. Nesse caso, um estado que não necessariamente fosse limítrofe poderia passar a ser distinguido dessa maneira na intenção de que protegesse outro(s) mais frágil(eis) e/ou mais ameaçado(s) em suas fronteiras físicas. Frente a essa postura, é correto afirmar que, mesmo na distância entre o poder central da Cidade do México e o *lejano Norte* mexicano, mesmo vacilante em seu estabelecimento como nação, o México não agiu de forma estática no

que diz respeito às ameaças a sua fronteira norte. E não é demais realçar que o perigo iminente à fragilidade dos limites territoriais mexicanos era o alargamento das *frontiers* anglo-americanas.

Em meados do século XIX os Estados Unidos e o México diferiam completamente em relação a sua situação econômica. Após mais de uma década envolvido em sua guerra de independência, o México era então uma nação frágil tanto política quanto economicamente. Os EUA começavam a avançar mais e mais em sua industrialização. Em contrapartida, a nova nação mexicana se via praticamente falida, depois de séculos de exploração pela metrópole espanhola. É justo nesse ínterim de extrema fragilidade que a tomada estadunidense principia. Primeiro, a invasão do Texas. E ao final, a conquista de metade do território mexicano.

Data de 1820 a abertura hispano-mexicana do Texas aos colonos anglo-americanos, com a ressalva de que esses proclamassem fé católica e jurassem fidelidade ao México. Eclodiam a partir de então os choques culturais, linguísticos e religiosos que a teoria turneriana simplesmente não aborda. Já nesse ponto, eram os imigrantes *anglo* que consideravam os mexicanos invasores, exigindo o rio Grande como fronteira entre os dois países. Após esses acontecimentos, o governo dos EUA ofereceu milhões de dólares pela

compra do território texano. Todavia, devido à recusa mexicana, implantou uma política externa agressiva, tentando coagir o México a vender-lhe essa província (cf. ACUÑA: 1988, p.7).

Ainda assim, o México tinha enormes dificuldades em manter estável a situação naquele território. Os imigrantes *anglo* não se dobravam às leis mexicanas. Por isso, o governo do México reforça o estado com tropas militares, o que desagrade os anglo-americanos. Tal situação força o México a declarar guerra. Porém, em 1836 o Texas torna-se uma república independente, tendo vencido a disputa. E mesmo com a recusa do México em aceitar a independência texana, em 1845, à revelia mexicana, o Texas se torna um estado norte-americano. Com essa vitória, os Estados Unidos viam então a possibilidade de avançar ainda mais a sua *frontier* em movimento.

Então foi assim que, em 1846, um México pouco identificado como nação unificada, nada coeso em sua política (debilitado que permanecia após sua guerra de independência) e, portanto, ainda frágil em seus limites, se via obrigado a tomar parte de uma guerra contra um inimigo de incrível ferocidade expansionista, os Estados Unidos da América do Norte.

Com o final da guerra em 1848, marcado pelo Tratado de Guadalupe-Hidalgo, novos limites são estabelecidos, com o rio

Grande como divisa. Dessa maneira, passam às mãos dos estadunidenses quase todo o noroeste que anteriormente pertencia, mesmo que de forma instável, ao México. A saber: territórios que na atualidade correspondem aos estados norte-americanos da Califórnia, Arizona, Novo México, Nevada, Utah e partes do Texas e do Colorado (cf. TORRES: 2001, p.20). Ainda assim, muitos mexicanos, mesmo a contragosto, permaneceram do lado norte-americano do rio, com direitos garantidos por lei, mas desrespeitados dia a dia, como estrangeiros em sua própria terra.

Mas, os novos conquistadores tinham planos de mais desenvolvimento e necessitariam de trabalho braçal. Por isso, naquele momento lhes foi conveniente que os mexicanos não deixassem a região. Foi concedido o prazo de um ano para que os mexicanos decidissem se “voltariam” ao México, ou se “ficariam” no “México anglo”. O Guadalupe-Hidalgo assegurava aos que decidissem continuar a viver em suas terras direito à propriedade, à cidadania americana, a manter sua religião e à liberdade. No entanto, esses direitos foram ignorados e os *Mexican-Americans* – a partir daí desse modo denominados – foram obrigados a vender ou abandonar suas terras, passando a ser tratados como cidadãos de segunda classe frente a seus dominadores (cf. ACUÑA: 1988, p. 18-20). Assim, o mexicano

se tornava uma “minoria étnica” em uma nação estrangeira, o que fez começar uma série de conflitos políticos, étnicos e econômicos, transplantados, representados, aqui e ali, pela hábil pena de Carlos Fuentes à narrativa de seu romance em nove contos.

Uma região em específico sofreu de modo mais impactante as mudanças que ocorreram em todo esse tempo de embates: o Vale do rio Grande. Antes mesmo da independência mexicana frente à Espanha, a província que ia da nascente do rio Grande até Laredo era chamada Nuevo Santander, tendo sido colonizada pelo espanhol José de Escandón em 1749. No começo da ocupação da Coroa Espanhola, esse território permaneceu isolado, graças a barreiras naturais. A colonização já havia alcançado no oeste, o Novo México, e a leste, o Texas. Chamada de Seno Mexicano, essa área era refúgio de indígenas rebeldes ao domínio espanhol. Em meados do século XVIII, foi ocupada por imigrantes que necessitavam de melhor acesso à Cidade do México e ao Texas. Essa província se desenvolveu e mais vilas foram surgindo na região dos rios Nueces e Grande (cf. PAREDES: 2003, p. 7-9). O tratado de Guadalupe-Hidalgo forneceu ao povo do Vale do rio Grande um elemento que viria a modificar de modo significativo a região: uma fronteira. O rio Grande é agora uma linha física divisória, uma fronteira entre Primeiro e Terceiro Mundo. Como

resultante, famílias despedaçadas, amizades divididas, irmãos ‘estrangeirados’. Esse conflito me interessa. Esse espaço fronteiriço interessa sobremaneira ao meu trabalho, pois é o espaço-vórtice para onde convergem as histórias imbricadas dos contos/capítulos de *La frontera de cristal*. Espaço do rio Grande, rio Bravo como imagem representativa da fronteira em novos movimentos, em refluxo. Imagem representativa de fronteira como ferida aberta, ferida a céu aberto. É o espaço onde o mexicano, representado na ficção do *corpus* de minha pesquisa, põe à mostra sua identidade fronteiriça em fragmentos – cacos de uma colagem.

Por fim, todo o acima exposto faz parte do diálogo com teorizações que a leitura e interpretação do romance *La frontera de cristal*, de Carlos Fuentes, evidenciam. Longe de dar conta da análise do romance, neste capítulo procurei aproximar o temário nação/nacionalismo/fronteira/formação da identidade nacional à questão das conflituosas relações México/Estados Unidos.

CAPÍTULO II

Confluências: intelectuais mexicanos, o “sentir-se mexicano” e categorias culturais e literárias na América Latina

Tensão. Universos em tensão. Encontro. Movimento. Choque – quem sabe, entre espaços irreconciliáveis. Línguas, culturas que se embatem, digladiam-se, repudiam-se, padecendo (às vezes) do engano de que se amainam suas rivalidades, seus rancores; e mesclam-se. Não sem conflitos, rusgas, querelas. Nada se define pela calma. Há atração e repulsa. E o antigo e o novo são o mesmo. E o Outro. E, por essa igual razão, aceitam-se assim, detestam-se assim, amam-se desse modo, negando-se também. O Um ao Outro. E a si próprios.

Ora: do que se fala? Do que quer falar a escrita desse capítulo de dissertação? Pois bem, o que tratarei a partir de agora tem a ver com o atrito que nasce do envolvimento de culturas díspares (muitas das quais já heterogêneas em seu âmago). Esse embate de opostos se evidencia principalmente quando voltamos o olhar para os mais variados problemas resultantes dos grandes conflitos pós-coloniais. E, no que tange ao temário de minha pesquisa, é imprescindível abordar

também o trato entre culturas distintas durante os (e resultantes dos) conflitos de interesses neocoloniais e imperialistas – tal como é o caso da relação EUA/México, desde o principiar da empreitada expansionista da nação anglo-americana.

Contudo, há de se fazer uma ressalva. É que estabeleço desde já, através dos argumentos expostos nos parágrafos anteriores, o conflito, a confrontação, o atrito como traço marcante, indelével e constante desse dito “encontro” entre culturas. De fato, tamanha assertiva tem mais o peso de minha opinião do que propriamente a fria apresentação de uma unanimidade teórica acerca do assunto. Por isso mesmo é que transitar por entre os caminhos propostos por nomes importantes dos estudos culturais e literários se apresenta como veio enriquecedor da análise a que me proponho.

Dentre tais nomes, em especial três parecem encadear-se quando o assunto é a busca de reflexão sobre o que podemos chamar de *quién soy yo mexicano*. São eles: os intelectuais Samuel Ramos (1897-1959), Octavio Paz (1914-1998) e o próprio Carlos Fuentes. Porém, de modo algum a escolha desses três importantes pensadores e escritores tem por objetivo excluir o valor de outros nomes relevantes para o pensamento do México – como, por exemplo: Alfonso Caso, Alfonso Reyes, Carlos Monsiváis, entre outros. Em verdade, recorrer

a um recorte da obra de Ramos, Paz e Fuentes se deve ao fato de que muito do que há em seus ensaios aponta para certa confluência do que pensaram esses autores acerca do processo de entrecruzamento cultural que permeia a história mexicana. E, mais ainda, tamanha influência e confluência chegam mesmo a desembocar, a estabelecer diálogo com a ficção de *La frontera de cristal* (por essa razão, a ligação da obra de Ramos e Paz com a de Fuentes será abordada de modo mais específico no terceiro capítulo, quando entra em cena também parte da ensaística do autor de *La frontera*). Portanto, dada toda essa imbricação de pensar, e a importância que isso gera para a análise de meu objeto de estudo, convido o leitor para irmos até eles. Vamos a esses autores.

Sobre Samuel Ramos me interessa tecer abordagem acerca de seu livro ensaístico *El perfil del hombre y la cultura en México*, publicado pela primeira vez em 1934. Nessa obra Ramos procura traçar um perfil psicológico do mexicano, relacionando-o com reflexos e influência desse *quién soy yo* sobre a cultura e o nacionalismo de seu país. Advirto que apontar um caráter de reflexão psicológica nessa obra do autor não significa qualificá-la através do uso de uma metáfora ou de mera força de expressão. Já no capítulo “Psicoanálisis del mexicano” o autor informa que sua intenção é

apresentar ao leitor “una exposición cruda, pero desapasionada, de lo que a nuestro parecer constituye la *psicología mexicana*” (RAMOS: 1984, p. 50, grifo meu). Samuel Ramos procura então destacar o que seria um traço característico da personalidade de seus conterrâneos: um forte sentimento de inferioridade. Para tanto o ensaísta se baseia nas teorias psicológicas de Adler⁵, aplicando-as ao caso mexicano. Assim, em contraste a esse sentir-se inferior (que o autor estabelece como algo diferente de “ser” inferior, o que não corresponderia à verdade de suas assertivas), Ramos apresenta o que chama de uma vontade exagerada do mexicano em afirmar sua identidade, algo que comprovaria, ainda em concordância com os pressupostos de Adler, a existência daquele dito complexo de inferioridade (cf. RAMOS: 1984, p. 51). E complementa seu raciocínio da seguinte maneira: “Afirma Adler que el sentimiento de inferioridad aparece en el niño al darse cuenta de lo insignificante de su fuerza en comparación con la de sus padres” (RAMOS: 1984, p. 51).

O que se estabelece é que, a partir de seus argumentos iniciais, calcados em bases científicas, o autor se sente à vontade para conceituar a pluralidade cultural mexicana, metaforizando-a sob os

⁵ Alfred Adler (1870-1937): psicólogo austríaco considerado o fundador da psicologia do desenvolvimento individual.

auspícios dos fundamentos adlerianos que toma para si. Desse modo, para Ramos a situação do México frente ao mundo civilizado (o mundo dos conquistadores) poderia ser relacionada ao estado da criança frente a seus pais (cf. RAMOS: 1984, p. 51). Isso seria explicado porque o México, quando de sua descoberta,

[s]e presentaba en la historia cuando ya imperaba una civilización madura, que sólo a medias puede comprender un espíritu infantil. De esta situación desventajosa nace el *sentimiento de inferioridad que se agravó con la conquista, el mestizaje*, y hasta por la magnitud desproporcionada de la Naturaleza (RAMOS: 1984, p. 51 – grifo meu).

É evidente que há de levar-se em consideração uma vez mais a historicidade do discurso apresentado, a historicidade do ensaio de Samuel Ramos. Os méritos desse ensaísta estão em problematizar em meados dos anos de 1930 a identidade do ser mexicano, frente aos ecos de afirmação de uma cultura nacionalista, levantados pelos governos que se seguiram desde o fim da Revolução Mexicana como luta armada⁶. Contudo, tais méritos não o impedem de,

⁶ A Revolução Mexicana foi um movimento revoltoso de forte apelo social, que eclodiu no início do século XX e transformou a organização do México em seus mais diversos aspectos. A causa principal desse levante foi a concentração de grandes fazendas em mãos de latifundiários e

compartilhando de posições ideológicas pertinentes ao pensamento latino-americano de seu tempo, transladar o multiculturalismo mexicano para a questão racial, explicando-o, inclusive, pelo viés da mestiçagem.

Preocupado também em descrever o perfil da cultura e do ser mexicano, atento em querer formalizar um nacionalismo diferente daquele que via até então, Ramos encontra no falseamento do mundo exterior o reflexo a incidir de modo negativo sobre a individualidade de cada habitante do México. Para ele, o México

[i]mita en su país las formas de civilización europea, para sentir que su valor es igual al del hombre europeo y formar dentro de sus *ciudades* un grupo privilegiado que se considera superior a todos aquellos mexicanos que viven fuera de la civilización (RAMOS: 1984, p. 53 – grifo meu).

investidores estrangeiros (cf. SILVA HERZOG: 1985, p. 7). Por ora, é interessante pontuar que uma de suas resultantes viria a ser um “novo ânimo” para o nacionalismo mexicano, marcado agora por uma forte aversão a toda e qualquer influência estrangeira. A Revolução serve ainda para evidenciar a tendência mexicana ao entrecruzamento cultural; haja vista terem participação em seu processo “figuras tan opuestas como Emiliano Zapata y Venustiano Carranza, Luis Cabrera y José Vasconcelos, Francisco Villa y Álvaro Obregón, Francisco I. Madero y Lázaro Cárdenas, Felipe Ángeles y Antonio Díaz Soto y Gama” (PAZ: 1959, p. 133). Seus desdobramentos e importância estão aqui resumidos. Um olhar um tanto mais aprofundado a esse movimento será conduzido no próximo capítulo, devido a sua importância na análise de tópicos de *La frontera de cristal*.

“Cidades”. A palavra que grifei. É interessante perceber como opera no discurso ramosiano o prisma pelo qual perpassa seu intelectualismo. Ao analisar o homem mexicano o autor aborda, de acordo com sua perspectiva, o ser cidadão, dando vida ensaística a dois tipos: proletário e burguês. No cenário das cidades mexicanas que ainda buscam adequar-se a certa modernização, esses dois tipos compartilham do mesmo ufanismo nacionalista tido como limitado por Ramos. O primeiro caracterizando-se pelo trato, marcado por constantes grosserias, em que equivale seu machismo ao conceito de nacionalidade⁷.

O segundo primando pelo exagero em seu modo fino e cortês de ser, algo que ainda assim não o impede de, quando exaltado, ser tão grosseiro quanto o proletário, ufanando o mesmo teor nacionalista, desiludido que estava com a cultura europeia após o fim da Primeira Grande Guerra. Mesmo assim, o nacionalismo mexicano vagaria entre o europeísmo (apego demasiado às influências europeias) e o mexicanismo extremo (repúdio a toda e qualquer influência estrangeira, no sentido de propalar-se a existência de uma cultura

⁷ Será discutida, mais adiante neste capítulo, a correlação entre nacionalismo, machismo e *malinchismo* – termo derivado de *La Malinche*, a indígena amante e intérprete de Cortez, e forte representação, no imaginário mexicano, da mulher traidora e, por extensão, do antinacionalismo.

mexicana original, diferente das demais) (cf. RAMOS: 1984, p. 66).
Como resolução o autor propõe a aceitação do universalismo próprio das culturas que conformam o ser mexicano:

Debemos aceptar que nuestras perspectivas de cultura están encerradas dentro del marco europeo (...) Tenemos sangre europea, nuestra habla es europea, son también europeas nuestras costumbres, nuestra moral, y la totalidad de nuestros vicios y virtudes nos fueron legados por la raza española. Todas estas cosas forman nuestro destino y nos trazan inexorablemente la ruta. Lo que ha faltado es sabiduría para desenvolver ese espíritu europeo en armonía con las condiciones nuevas en que se encuentra colocado. Tenemos el sentido europeo de la vida, pero estamos en América (RAMOS: 1984, p. 67).

Ou seja: o europeísmo, sim; o hispanismo, sim; a herança latina, sim. Mas tudo isso adequado às necessidades e possibilidades mexicanas. Sim. “Possibilidades”. Entra em cena a defesa do intelectualismo. Samuel Ramos cita os herdeiros de uma classe a qual chama de cultura média, cultura crioula, uma minoria intelectual, uma minoria ilustrada como possuidores do conhecimento necessário para conduzir o México para além de suas limitantes (RAMOS: *passim*, p. 70-80).

Será por intermédio de um discurso calcado no Humanismo e Universalismo, tão exaltados pela classe intelectual à qual pertence nosso autor, que o mexicano poderá alcançar o máximo de sua mexicanidade, pelo reconhecimento de uma cultura mexicana de teor universal, mesmo com as limitadas possibilidades de seu povo. Porém, de que limitações trata Ramos? De “onde” (ou de quem) elas advêm?

A Mesoamérica, região correspondente, hoje, a todo o México e à parte da América Central, teve seus grandes impérios, a destacarem-se maias e astecas (dentre os quais os *mexicas*, grupo dominante de uma tríplice aliança asteca e que daria origem ao nome moderno da atual nação mexicana) e variados povos e tribos menores “sacudidos” pela onda invasora de Hernan Cortez. Pois viria, então, a ser esse conquistador espanhol – cuja chegada foi confundida pelos nativos mesoamericanos como o retorno redentor de seu deus Quetzalcóatl – quem daria início a todo um violentíssimo processo que fez ruir impérios, templos e submeteu a língua e as crenças religiosas nativas ao cristianismo e à língua castelhana. Assim, nas novas cidades erigidas por sobre as ruínas das antigas construções conviveram, durante toda a colonização, povos e culturas distintas. E, mesmo que sob a supremacia dos espanhóis, a imbricação de tal relacionamento

fez nascerem, em verdade, aspectos culturais não mais europeus, nem indígenas; antes, sim, aspectos, a partir de então, americanos.

Entretanto, o que afirmo no parágrafo acima vai de encontro ao que identifico no discurso ramosiano; isto é, a quase total negação da influência indígena na conformação da cultura de seu país. Em sua análise do mexicano da cidade, o autor contrapõe aos tipos citadinos já mencionados o camponês, aquele que “casi siempre en México pertenece a la *raza indígena*” (RAMOS: 1984, p. 58 – grifo meu). E sobre essa dicotomia tipificada entre o urbano (proletariado e burguês) e o rural (indígena), Ramos se prende uma vez mais às correntes ideológicas de sua época, fundamentando seu discurso em questões raciais. Em sua opinião:

Aun cuando *el indio* es una parte considerable de la población mexicana, desempeña en la vida actual del país un *papel pasivo*. El grupo activo es el otro, el de los mestizos [o proletário] y blancos [o burguês] que viven en la ciudad (RAMOS: 1984, p. 58 – grifo meu).

Ainda para o autor deriva dessa passividade indígena muito do que há de limitado no homem mexicano. Em razão da mescla do sangue indígena com o do dito grupo ativo (porém, não menos carregado de erros e limitações) é que os habitantes do México (em

uma visão que nada difere daquela que abordei no primeiro capítulo, propalada por historiadores anglo-americanos) “viven a la buena de Dios” (RAMOS: 1984, p. 59). Para o ensaísta,

[e]l indio es como esas substancias llamadas catalíticas, que provocan reacciones químicas con sólo estar presentes. Ninguna cosa mexicana puede sustraerse a este influjo, porque la masa indígena es un ambiente denso que envuelve todo lo que hay dentro del país (RAMOS: 1984, p. 58).

Mesmo na possibilidade de que se possa inferir certa traição de discurso quando toca em seu texto na influência indígena em toda e qualquer coisa mexicana, não se pode deixar de levar em conta que o conceito de cultura ramosiano exclui o elemento popular. Assim, é desta forma que se deve entender a “contribuição” indígena para a sociedade mexicana segundo Ramos: “su influencia social y espiritual se reduce hoy al mero hecho de su presencia” (RAMOS: 1984, p. 58).

Para além de sua psicanálise do homem mexicano, mais além de sua busca por uma mexicanidade verdadeira, dentre os caminhos que utiliza para desenvolver seu raciocínio, interessa-me o tratamento que Samuel Ramos confere à pluralidade cultural do México. A meu ver o

autor elimina o componente indígena da conformação cultural de seu país, alijando sua importância, minimizando-a, reduzindo as resultantes conflituosas do choque que se deu entre a civilização espanhola e as civilizações indígenas que habitavam o Novo Continente. E mesmo em confrontação com a cultura ianque tecnicista que já em sua época “invade” e preocupa os mexicanos, o indígena não deixa de ser estigmatizado por Ramos em seu texto ensaístico: “Los indios mexicanos (...) están psicológicamente imposibilitados para asimilar la técnica, porque (...) carecen de voluntad de poderío, no pertenecen a la raza del hombre rapaz [os anglo-americanos]” (RAMOS: 1963, p. 148).

Samuel Ramos Magiaña e seus estudos viriam a influenciar toda uma intelectualidade mexicana, cuja maioria pertence à elite. Daí talvez sua mirada fatalista, pessimista, desde um “ponto acima”, carente de imersão e com dificuldade para entender tanto as camadas populares de seu país quanto os outros intelectuais que a multiculturalidade do México “produz” (cf. TORRES: 2001, p. 25). O que importa é que, para o bem ou para o mal, o efeito de seus ensaios incide sobre dois nomes que pertencem ao escopo de minha pesquisa. Para o mal, em razão do quase-apagamento, e pela quase-irrelevância da influência indígena sobre a cultura mexicana que chega a

“propagar” nos estudos vindouros acerca da identidade cultural do México. Para o bem porque sua ensaística chega mesmo a apresentar aparentes contradições, as quais também servirão de apoio ao desenvolvimento do trabalho científico, filosófico e literário de outros estudiosos e escritores. Apesar da pouca importância que confere ao caso indígena, a tensão dos temas abordados em sua escrita parece obrigá-lo tanto a questionar o estereótipo mexicano (em que este é reduzido a um imagético indígena ridicularizado) na visão ianque (cf. RAMOS: 1984, p. 21), quanto a “precar” o México sobre a ameaça do “inimigo” estadunidense. A respeito dessa ameaça, entram também em tensão seus argumentos raciais e, inclusive, nacionalistas. Ramos, temendo o acossar de uma onda de influências estrangeiras, anglo-americanas sobre a unidade hispanista que propõe, afirma que

[p]ara México existe actualmente la amenaza del hombre blanco que, si nos descuidamos, puede conquistar al país con los medios pacíficos de la economía y la técnica. Ya se comprenderá que nos referimos al yanqui. Es menester que *nosotros, hombres de color*, no desaprovechemos la traición a la técnica, asimilando al país la civilización moderna, *aunque no corresponda por completo a nuestro espíritu*, si no queremos ser

en el futuro esclavos del extranjero (RAMOS: 1963, p. 61 – grifo meu).

Essa tensão de seu discurso filosófico, no que tange ao receio de uma iminente anglo-americanização da cultura mexicana, junto aos estereótipos sobre o mexicano que ela ajuda a propagar, reflete no texto ensaístico e, principalmente, ficcional de Fuentes. E tais afirmações ramosianas serão exploradas por mim com maior detalhamento no terceiro capítulo, no diálogo que elas (e outras abordagens do autor) tecem com a ficção de *La frontera de cristal*. Todavia, antes é preciso dar continuidade ao trato acerca das influências dos estudos culturais de Samuel Ramos sobre outros autores importantes a essa pesquisa. Pois a dissimulação, o mascaramento, a afirmação visando a ocultar o medo de se revelar, o ensimesmar-se, ocultar-se, o vestir-se de solidão caros a *El perfil del hombre y la cultura en México* se veem refletidos também na obra do renomado intelectual Octavio Paz. E é dele, e de sua visão sobre o entrecruzamento cultural na história mexicana, que passo a tratar a partir de agora.

A obra do poeta e ensaísta mexicano Octavio Paz (1914-1998) ainda hoje é merecedora de reflexões em diversos campos do

conhecimento. E muito do seu prestígio tem a ver com o reconhecimento da importância de seus estudos acerca da vida mexicana. Seu olhar aguçado a respeito das questões culturais do México tem seu cerne ligado à análise da individualidade do homem de seu país. Nesse aspecto, Paz pode ser considerado uma espécie de “herdeiro” das ponderações filosóficas de seu predecessor Samuel Ramos.

A obra de Octavio Paz através da qual dou prosseguimento às observações propostas no presente capítulo é sua respeitada coletânea de ensaios *El laberinto de la soledad*, publicada pela primeira vez em 1950. Nela, tal como Ramos, Paz se debruça sobre a natureza psicológica do mexicano. Nesse livro as influências do pensamento ramosiano são evidentes. Logo de início, é o próprio Octavio Paz quem, em relação às interrogantes de seu antecessor, escreve que “Todos pueden llegar a sentirse mexicanos. Basta, por ejemplo, con que cualquiera (...) se haga las mismas preguntas que se hizo Samuel Ramos en *El perfil del hombre y la cultura en México*” (PAZ: 1959, p. 11-2). Entretanto, mais do que mero continuador dos questionamentos de Ramos, Paz consegue desenvolver os argumentos daquele autor. A través das lacunas existentes nas contradições do texto ramosiano,

Octavio Paz vai um tanto além do que alcançara Samuel Ramos em suas proposições.

Paz ainda carrega em seu discurso certo tom elitista, que separa a minoria intelectual ilustrada – responsável por iluminar e conduzir o México às benesses do pensamento universalista – da imobilidade, do encerrar-se em si próprio, da inércia indo-espanhola supostamente inerente à maioria restante (cf. PAZ: 1959, p. 11). Porém, a meu ver, há um jogo, quase inconsciente e ao mesmo tempo quase-que obrigatório, de retração e atração, de negação e aceitação na escrita de quem se propõe tratar das mesclas culturais que perpassam a história latino-americana. E é esse movimento de fluxo e refluxo que não impede a escrita paziana de ocupar-se, de inquirir-se com maior atenção na reflexão dos históricos conflitos formadores do mosaico cultural mexicano. Para tanto, o autor lança um olhar sobre a História, organizando seu discurso de modo a deixar sobressair uma interpretação em que camadas revelam uma superposição de dados a representar troca, mescla e, inclusive, o conflito nos entrec choques de culturas:

En nuestro territorio conviven no sólo distintas razas y lenguas,
sino varios niveles históricos. Hay quienes viven antes de la

historia; otros, como los otomíes, desplazados por sucesivas invasiones, al margen de ella. (...) Varias épocas se enfrentan, se ignoran o se entredevoran sobre una misma tierra o separadas por unos kilómetros. (...) Las épocas viejas nunca desaparecen (...) y todas las heridas, aun las más antiguas, manan sangre todavía. A veces, como las pirámides precortesianas que ocultan casi siempre otras, en una sola ciudad o en una sola alma se mezclan y se superponen nociones y sensibilidades enemigas o distantes” (PAZ: 1959, p. 11).

Sim. Na escrita paziana há espaço para o conflito como parte integrante da conformação cultural de seu país. Há espaço para admitir que os espanhóis, ao chegarem à Mesoamérica, lá encontraram civilizações de organização complexa e refinada (cf. PAZ: 1959, p. 81). E vai mais adiante. No que se refere às consequências do contato entre indígenas e seus “conquistadores” europeus, Octavio Paz escreve que “la suerte de los indios pudo ser la de tantos pueblos que ven humillada su cultura nacional, sin que el nuevo orden (...) abra sus puertas a la participación de los dominados” (PAZ: 1959, p. 91).

Através de sua análise das perdas culturais indígenas para o conquistador espanhol, Paz busca explicação para certo sentimento de orfandade, próprio da mexicanidade. Volta-se ele para a presença

marcante da religião na vida do mexicano, desde suas origens. Abalados na fé em seus antigos deuses, “abandonados” por estes na derrota para e no conseqüente domínio do colonizador; isto é: despedaçados seus laços culturais e religiosos, os indígenas, em sua situação de órfãos, encontrariam na fé católica do conquistador europeu um lugar no mundo, “abrigados”, “amparados” que foram por essa nova religiosidade. O interessante da visão paziana está na comparação entre o acolhimento a esse “órfão” mesoamericano e o ocorrido aos povos autóctones forçados a travar contato com os ditos desbravadores das Treze Colônias. Ainda segundo a ensaística de Paz, “esa posibilidad de pertenecer a un orden vivo, *así fuese en la base de la pirámide social*, les fue despiadadamente negada a los nativos por los protestantes de Nueva Inglaterra” (PAZ: 1959, p. 92 – grifo meu). Para Octavio Paz, o catolicismo termina por servir de refúgio mesmo para os descendentes dos povos que viveram a queda de seus dirigentes, de seus templos e suas culturas (cf. PAZ: 1959, p. 95). No entanto, no jogo dialético de seu texto, Paz estabelece a síntese como traço definidor desse encontro de crenças, tocando na violência de tal choque cultural; contudo, simplificando-a. Em uma equação um tanto simplificadora, o antigo autóctone mesoamericano, desolado, solitário

em sua orfandade, encontra a redenção em uma fé cujo deus é O Redentor.

Haveria dessa forma a sublimação de um aspecto cultural relevante em razão da impossibilidade de expressão da singularidade indígena. Tudo demasiado simples e benéfico, sem atrito ou resistência. Algo que, em minha opinião, não é o percebido (mesmo sob o perigo das limitações do termo) no sincretismo, na mesma mexicanização do catolicismo (renovação em solo americano de uma fé em vias de decadência na Europa) da qual trata Paz em seu ensaio (cf. PAZ: 1959, p. 98). Onde Octavio Paz viu a orfandade de quem chama “madre” à Virgem de Guadalupe (cf. PAZ: 1959, p. 98), vejo culturas se atravessando na concepção de uma “santa índia”, mestiça. Porém, é importante que abracemos a Virgem. Para que toquemos em outro fator relevante nas imbricações culturais mexicanas apontadas em *El laberinto*, posto que à figura de Nossa Senhora de Guadalupe, contrapõe-se o imagético da prostituta, da traidora. Falo de Malinche segundo Paz. E do feminino na pobreza do Masculino, na relação entre *ma(lin)chismo* e machismo, que serão importantes, e mais bem trabalhadas no próximo capítulo.

Para o mexicano, o abrir-se aos demais equivale à traição, como assim teria agido *La Malinche* (*Malintzin*, ou *Doña Marina*), nativa de

origem asteca que (vendida ainda criança como escrava a um cacique maia) foi entregue como presente a Hernan Cortez, a quem serviria como escrava, amante e intérprete, auxiliando o conquistador espanhol em suas conquistas, traindo, em uma visão um tanto ingênua, uma pátria e unidade ainda inexistentes. A solidão que atormenta o habitante do México, a qual ele só romperia ao lembrar seu passado mítico nas festas em que se refaz verdadeiro, faz parte da concepção fatalista do mexicano. Assim, *el hijo de la Chingada* (termo até hoje usado no México como sinônimo de traição à pátria ou apego a costumes estrangeiros), filho da violação da “*madre Malinche*” seduzida pelo “macho Cortes”, é ainda um conflito presente no imaginário mexicano, aquele que questiona suas origens e lamenta suas tradições quase esquecidas⁸. Mas, dentre todos esses fatores, onde se revela a relação entre feminino e masculino? A solução parece surgir a partir de outra pergunta paziana:

¿Quién es la Chingada? Ante todo, es la Madre. No una madre de carne y hueso, sino una figura mítica. (...) La Chingada es la

⁸ É importante apontar que, a partir de meados dos anos 1970, serão as escritoras e teóricas chicanas quem irão redimir esta imagem negativa de *La Malinche*, oferecendo uma releitura de *Malintzin* que a vê como intérprete entre duas culturas e, portanto, paradigma da fronteira de cristal. Remeto o leitor interessado ao verbete de Carla Portillo, “Intérprete” (cf. *Diccionario de Figuras e Mitos Literários das Américas*, org. Zilá Bernd).

madre que ha sufrido, metafórica y realmente, la acción corrosiva e infamante implícita en el verbo [chingar] que le da nombre (PAZ: 1959, p. 68).

Assim, a visão de Paz complementa a apresentada por Samuel Ramos, quando este toca no machismo como afirmação da nacionalidade. De acordo com a abordagem paziana, aquele que chinga é o elemento praticante do ato hostil nessa relação dialética. É o macho, o componente ativo, o violador pela violência de seus atos. A um só passo, representação do conquistador à força das terras do Novo Continente e dos corpos das nativas estupradas. E, ao mesmo tempo, é o macho mexicano que esbraveja em palavras chulas e em frases como “Yo soy tu padre” seu poder de macho sobre um outro a quem ele atribui fraqueza feminina, afirmando ser a hombridade dele, o que chinga, a marca de seu mexicanismo. Em contrapartida, aquele que mereceria ser chingado é o *hijo de la Chingada*. É o elemento passivo, o qual representa a traição, a abertura ao estrangeiro; traição deslocada à figura de *La Malinche*, mãe de todos os males de uma nação amaldiçoada desde sua concepção impura (cf. PAZ: *passim*, p. 73-77). Tal abordagem de Paz é questionável no que diz respeito à passividade atribuída por ele ao feminino. Todavia, há que se ressaltar

seu êxito em, pela primeira vez, colocar em questão a visão de Malinche, mito, mulher, mãe de um novo povo, como havendo sido traidora dos seus.

Acerca de outros fatores preponderantes para a formação da identidade mexicana, da pluralidade cultural de sua mexicanidade, novos aspectos são levantados por Octavio Paz em *El laberinto de la soledad*, tais como: os efeitos da Independência e da Revolução Mexicana tanto sobre o nacionalismo de seu país quanto sobre seu multiculturalismo identitário. Entretanto, como já adverti na abordagem da obra de Samuel Ramos, esse recorte será mais bem trabalhado na análise de *La frontera de cristal*, no capítulo seguinte.

Antes, porém, de prosseguir para o próximo tópico a ser tratado no presente capítulo, vale um adendo (de especial relação com o entrecruzamento México/EUA) sobre o que escreve Paz quando de sua estada por dois anos no país anglo-americano:

Al iniciar mi vida en los Estados Unidos residí algún tiempo en Los Ángeles, ciudad habitada por más de un millón de personas de origen mexicano. A primera vista sorprende al viajero – además de la pureza del cielo y de la fealdad de las dispersas y ostentosas construcciones – la atmósfera vagamente mexicana de la ciudad (...). Esta mexicanidad – gusto por los adornos,

descuido y Fausto, negligencia, pasión y reserva – flota en el aire (...) porque no se mezcla ni se funde (...) con el mundo norteamericano, hecho de precisión y eficacia. Flota, pero no se opone (PAZ: 1959, p. 12).

No trecho acima, chama a atenção não só o tom confessional, carregado, enlevado por certa perplexidade de Paz enquanto estrangeiro em terras ianques, e também “mexicanas”. Evidencia-se em seu discurso toda uma carga de noções que comprovam a herança ramosiana em seu texto. Herança essa que se reflete sobre outro intelectual mexicano (tanto em sua obra de ficção quanto em seus ensaios), Carlos Fuentes. No entanto, conforme já coloquei anteriormente, os efeitos de tal herança serão trabalhados no próximo capítulo, devido a sua importância para a análise de *La frontera de cristal*. Mas há, ainda no presente capítulo, outro ponto relevante a ser tocado.

As abordagens culturais de que passo a tratar a partir de agora trafegam entre conceitos que abarcam desde estudos antropológicos a estudos culturais e literários. Suas aplicações à interpretação de meu *corpus* de trabalho são antes um dialogismo do que definições. Minha intenção aqui é entrar em contato com algumas teorizações sobre o trato entre culturas distintas (em especial, no caso latino-americano),

para uma conseguinte verificação de como a literatura de *La frontera de cristal* apresenta, lida, dialoga (ou não) com tais teorias.

Foi o antropólogo cubano Fernando Ortiz (1881-1969) quem pela primeira vez propôs e utilizou o termo transculturação, na abordagem dos processos cambiantes entre culturas, em substituição ao vocábulo aculturação cultivado por antropólogos e sociólogos anglo-americanos. Em seu ensaio “Del fenómeno social de la ‘transculturación’ y de su importancia en Cuba” (1940), publicado no livro *Contrapunteo cubano del azúcar y del tabaco* (2002), Ortiz escreve que

[e]l vocablo *transculturación* expresa mejor las diferentes fases del proceso transitivo de una cultura a otra, porque éste no consiste solamente en adquirir una distinta cultura, que es lo que en rigor indica la voz angloamericana *aculturattion*⁹, sino que el proceso implica también necesariamente la pérdida o desarraigo de una cultura precedente, lo que pudiera decirse una parcial desculturación, y, además, significa la consiguiente creación de nuevos fenómenos culturales que pudieran denominarse de neoculturación (ORTIZ: 2002, p. 260).

⁹ Tempos mais tarde, Ortiz viria a admitir que interpretara de maneira equivocada o uso do prefixo anglo-saxônico “a”, que não representa negação como em grego, mas sim encontro.

Após a implementação do termo, o intelectual uruguaio Ángel Rama (1926-1983) assume a ideia da transculturação, cunhada no campo da antropologia, e passa a adotá-la em seus estudos sobre a narrativa latino-americana. A partir do que chama de transculturação narrativa, Rama questiona a definição ortiziana. Para ele, no que se refere à parcial desaculturação apontada por Ortiz, a transculturação, na verdade, opera segundo quatro pilares: perdas, seleções, redescobrimientos e incorporações. E tais operações acontecem em três categorias aplicáveis à literatura: a língua, a estrutura literária e a cosmovisão. Ainda de acordo com Rama, ao lado do sistema social está o sistema literário, podendo este ser analisado em três níveis: o do discurso linguístico, o do próprio sistema literário e o do “imaginário social” (cf. RAMA *apud* SOBREVILLA: 2001, p. 22-3).

Outro temário relevante, e polêmico, acerca dos entrecruzamentos de culturas é o que diz respeito às questões que envolvem os termos hibridismo/hibridação e processos de hibridação. No tocante ao caso latino-americano, o antropólogo argentino, radicado no México, García Canclini aponta que há três processos fundamentais para explicar a hibridação na América Latina: “la quiebra y mezcla de las colecciones que organizaban los sistemas culturales, la desterritorialización de los procesos simbólicos y la

expansión de los géneros impuros” (CANCLINI: 1990, p. 264). Em seus estudos, o autor tem como pano de fundo suas observações acerca dos jovens da periferia da Cidade do México. Anos mais tarde, aprofundando seus argumentos, Canclini adverte que, mais importante do que ter como objeto de estudo a *hibridez*, é atentar para os processos de hibridação. Ele insiste ainda que, ao dar-se vez aos processos de hibridação, abrange-se, por conseguinte, a variadas mesclas interculturais e sua relação com a História – fugindo-se, com isso, dos limites raciais aos quais se prende, por exemplo, o termo mestiçagem. Além disso, para García Canclini, trabalhar de maneira não-ingênua com as questões envolvidas nos processos de hibridação é ater-se, igualmente, aos seus limites, para que se possa identificar com consciência crítica o que não se deixa, ou não se quer, ou não pode ser hibridado (cf. CANCLINI: 1999, p. 20).

As abordagens de Canclini sobre o temário que envolve o termo hibridação são, entretanto, postas em dúvida pelo intelectual peruano Antonio Cornejo-Polar (1936-1997). Em sua crítica, que se estende também ao conceito de mestiçagem, Cornejo-Polar ressalta os possíveis problemas implícitos à utilização de categorias provenientes de áreas de estudo distintas do campo literário e ao cultural – em ambos os casos, a biologia. Para o autor,

[e]n lo que toca a hibridez la asociación casi espontánea tiene que ver con la esterilidad de los productos híbridos, objeción tantas veces repetida que hoy día García Canclini tiene una impresionante lista de productos híbridos y fecundos... De cualquier manera esa asociación no es fácil de destruir. De hecho, en el diccionario Velázquez inglés-español la palabra híbrido suscita de inmediato una acepción algo brutal: “mula” (CORNEJO-POLAR: 1997: p. 341).

O que se absorve da visão de Cornejo-Polar é que tanto o conceito de mestiçagem quanto os conceitos de transculturação e hibridação apresentam em suas linhas uma proposta sintética para os conflitos culturais da América Latina. Ou seja, uma proposição conciliadora que anula, oculta, não se aprofunda no conflito existente, dando conta de uma síntese em que sobressai a cultura hegemônica.

Em contraposição às categorias que Cornejo-Polar critica está seu conceito de heterogeneidade cultural e literária. Cornejo-Polar entende que a heterogeneidade esclarece a índole de processos de produção discursiva cujas instâncias internas (de origem sócio-étnico-cultural) também são heterogêneas.

Assim, expostos resumidamente os limites tênues que separam (ou unem) os conceitos acima levantados, torna-se necessário avaliar até que ponto tais categorias dialogam, ou não, com o romance *La frontera de cristal* – conforme veremos, junto a outras abordagens, no capítulo a seguir.

CAPÍTULO III

Colisões: Reencontros e Desencontros na Fronteira de Cristal

Ex-diplomata e habitual professor universitário nos Estados Unidos, Carlos Fuentes é desses escritores do México (tal como Samuel Ramos e Octavio Paz) cujo fazer literário aponta para a preocupação constante entre definir e discutir a identidade dos habitantes de seu país – por assim dizer, sua mexicanidade. A respeito desse labor, o crítico mexicano Christopher Domínguez Michael nos explica que

[t]endo como centro obsessivo o México (...) Fuentes quis tudo, desde a recomposição de uma cosmografia mexicana até a refundação da história da língua, pretendendo tocar com ambos os pés as duas margens do Atlântico (DOMÍNGUEZ MICHAEL: s/d, *apud* GIARDINELLI: 1994, p. 283).

A obra de Carlos Fuentes estende seus braços por vários gêneros da literatura: da novela ao teatro; do conto ao romance; da crônica política ao ensaio. Em meu entendimento, esse livre tráfegar

por entre gêneros permitiu ao autor não somente tocar ambas as margens do Atlântico, em alusão às heranças da relação México/Espanha. Seu transitar entre literaturas lhe permitiu, por conseguinte, tocar as mãos de seu escrever nas fronteiras físicas e metafóricas que separam e unem mexicanos e estadunidenses. É o que se pode perceber, em duas obras cujos desdobramentos, a meu ver, enredam-se, complementando-se, concatenando-se. Falo da coletânea de ensaios *El espejo enterrado* (1992) e de *La frontera de cristal* (1995)¹⁰, romance a partir do qual são tecidas as principais colocações da presente investigação científica.

La frontera de cristal é uma narrativa de ação que prima pela fragmentação de seu enredo. Subdivide-se em nove seções – que também podem ser lidas como contos, dada a variável liberdade e independência de leitura. Mas, artimanha a transitar pela forma do texto, essa mesma estrutura fragmentária, tomada em conjunto, acaba por compor algo mais uno, um romance. Assim, sua história une sub-histórias em que personagens os mais diversos “convidam” o leitor a

¹⁰ Devido a essa relação que identifico entre *El espejo enterrado* e *La frontera de cristal*, e em razão de recorte, advirto que outras importantes obras do autor sobre o temário levantado não receberão aqui a devida atenção, o que não exclui sua relevância sobre o assunto. Como exemplo poderiam ser citados tanto os romances *Gringo Viejo* (1985) e *Diana, o la cazadora solitaria* (1994), quanto os ensaios *Tiempo Mexicano* (1971) e *Nuevo tiempo mexicano* (1995).

refletir e debruçar-se sobre a problemática relação entre México e Estados Unidos, dois gigantes separados por sua fronteira de cristal. Desse modo, tendo a fronteira como vértice e vórtice narrativa, encabeçam o enredo (contado pelo que chamo de narrador *coyote*) o personagem *don* Leonardo Barroso (um *self-made man* mexicano) e os efeitos de sua influência por sobre sua família e todos os outros que o circulam.

Dentre todas as implicações possíveis de serem observadas em *La frontera de cristal*, além de ressaltar o olhar da narrativa acerca das conflituosas relações culturais entre mexicanos e estadunidenses, destaco o tratamento dado pelo autor à questão do feminino no desenvolvimento dos personagens da obra. Abordo, ainda, o eixo tempo/espço na obra; tempo contemporâneo, do presente, mas também histórico, do passado que corre para um futuro de possibilidades, como as águas do *río Grande*, *río Bravo*; espacialização que viaja de um lado a outro da fronteira-muro, redemoinho, ponto comum da narrativa a sugar e atrair leitor e personagens. Dessa maneira, é a partir de três eixos temáticos – na verdade, imbricados (a saber: inter-relações culturais/feminino/tempo-espço) – que passo a discorrer minhas reflexões sobre o *corpus* de meu trabalho.

O gênero feminino no *quién soy yo* de *La frontera de cristal*

A abordagem fuentesiana sobre o feminino não é limitada. E poderíamos inclusive nos perder em um sem-fim de alusões a livros seus que talvez, nem mesmo assim, dessem conta do temário¹¹.

No entanto, o que há de especial no tratamento dado ao gênero feminino em *La frontera de cristal* é a confrontação e a relação dessa abordagem com o imaginário feminino concebido pela sociedade mexicana, historicamente marcada por suas imposições e preconceitos de cunho patriarcal. Mais que isso, a força dessa aproximação ao tema está em conferir ao enredo a narração de certos dramas psicológicos que atravessam, cortam, ferem alguns de seus personagens. Dentre esses, dou destaque a três. São eles: Michelina Laborde e Ycaza, e Marianito Barroso, ambos do conto/capítulo “La capitalina”; além de Juan Zamora, o Juanito de “La pena”. “Dois homens?”, talvez me indague o leitor. Trato do gênero feminino, por isso dois homens. Sim. Dois homens que, como veremos, o patriarcalismo mexicano não perdoa. Mas vamos a Michelina. Vamos à *la capitalina*.

¹¹ Remeto o leitor para obras como *Tierra Nostra* (1975), as já mencionadas *Gringo Viejo* (1985) e *Diana, o la cazadora solitaria* (1994), ou ainda *Instinto de Inez* (2001).

Michelina Laborde é uma bela jovem que viaja da capital onde reside, Cidade do México, à desértica Campazas, norte fronteiro do México com os Estados Unidos. A razão de sua viagem é visitar seu padrinho, *don* Leonardo, de quem tornar-se-á amante, embora se case com o filho dele, Marianito. O enfoque que proponho para essa personagem tem relação com seus conflitos interiores, que a perturbam tanto pelo império de sua beleza – “tenía las nalgas más grandes de lo que parecía, las piernas más flacas, la condición del tordo¹²” (FUENTES: 2007, p. 32) – quanto por sua condição de amante. Por artifícios usados pelo narrador *coyote* desse romance de Fuentes, ou mesmo pela existência de uma transculturadora consciência metanarrativa, a exposição dos conflitos dessa personagem faz com que se reflita nela uma velha dicotomia que se delega à feminilidade mexicana, ou ao imaginário criado sobre ela. Isto é, conforme abordei no capítulo anterior, a oposição entre as recorrentes figuras da Virgem de Guadalupe (a que abençoa e guarda) e de *La Malinche* (a que trai os seus), relega à mulher uma só alternativa, uma só posição: ser Virgem ou vadia, Santa ou prostituta (cf. TROINA: 2005, p. 93).

¹² Ave, da família dos melros, que possui “pernas” finas e calda extensa.

Para Samuel Ramos (1984: p. 71), “toda cultura se edifica siempre sobre un sentido religioso de la vida”. E, em relação a esse fator de religiosidade, Octavio Paz escreveu que “el mexicano es un ser religioso y su experiencia de lo Sagrado es muy verdadera, mas ¿quién es su dios: las antiguas divinidades de la tierra o Cristo?” (PAZ: 1959, p. 96). Como complemento a essa ambiguidade na formação do sentimento religioso, vale trazer à baila outro pensamento de Ramos, o qual apontou que “la historia de México, sobre todo en el plano espiritual, es la afirmación o negación de la religiosidad” (RAMOS: 1984, p. 69). Meu aparente exagero em sequenciar as citações acima se justifica no sentido de que, na narrativa de “La capitalina”, o narrador de Fuentes evidencia o embate de forças espirituais de que falam Ramos e Paz, trasladando-o para os conflitos da personagem de Michelina. Dividida entre a incompletude do poder de sua beleza e o fato de ser prometida para (depois, casada com) Marianito Barroso (o filho) e apaixonada por (depois, amante de) Leonardo Barroso (o pai), nossa *capitalina* é o centro de angústias em que forças antagônicas se debatem.

Antes, para tanto, a narrativa usa de artifícios, aqui e ali, que ambientam o leitor nas especificidades da aura de conflitos a perpassarem o conto. Tal artimanha pode ser observada no léxico

utilizado, por exemplo, no trecho a seguir, que descreve as sensações geradas por certo drinque sobre as *socialites* presentes a uma festa de recepção para Michelina, em que elas

[m]ezclaban el anís dulce con cubitos de hielo y eso daba una *monja*, una bebida nubosa que se subía rapidito, como *beberse el cielo*, muchachas, como *emborracharse de nubes*: empezaron a cantar, *tú y las nubes me traen muy locas*, tú y las nubes me van a matar... (FUENTES: 2007, p. 20 – grifo meu).

Mas é diretamente em Michelina que a narrativa procura centrar, incidir seu trânsito entre sagrado e profano. Sagrado presente às lembranças da *capitalina*, pois

[h]abía demasiadas monjas en la historia de su familia y pocas cosas exaltaban la imaginación de Michelina más que la vocación del encierro voluntario y, una vez dentro, amparada, la liberación de los poderes de la imaginación; a quién querer, a quién desear, a quién rezarle, de qué cosas confesarse... A los doce años, quería encerrarse en algún viejo convento colonial, rezar mucho, azotarse, darse baños de agua fría y rezar más:

– Quiero ser siempre niña. *Virgencita*, ampárame, no me hagas *mujer*... (FUENTES: 2007, p. 15 – grifo meu).

Sagrado que se mescla e se digladiá com o profano nos sonhos da mulher Michelina. Profano e sagrado que as interpretações de Ramos, Paz e Fuentes afirmam como conflito e conciliação inerentes à mexicanidade. Observe-se essa mescla e embate na descrição que faz o narrador (arrojado, ora poético, ora execrável) de um sonho de Michelina, quando, uma noite antes de casar-se, ela pôs sua roupa de noiva e

[s]e soñó en un convento, paseándose entre patios y arcadas, capillas y corredores, mientras las demás monjas, acorraladas, se asomaban como animales entre las rejillas de sus celdas, le gritaban obscenidades porque se iba a casar, porque prefería el amor de un hombre a los esponsales con Cristo, la injuriaban por faltar a su voto, por salirse de su orden, de su clase. Entonces Michelina trataba de huir de su sueño, cuyo espacio era idéntico al del convento, pero todas las monjas, congregadas frente al altar, le impedían el paso; las criadas negras les arrancaban los hábitos a las hermanas, las desnudaban hasta las cinturas y las monjas pedían a gritos los azotes para suprimir el diablo de la carne y darle el ejemplo a *Sor Michelina*; otras menstruaban impúdicamente sobre las losas y luego lamían su propia sangre y hacían cruces con ella sobre la piedra helada; otras más se

acostaban al lado de los Cristos yacentes, llagados, heridos, espinados (FUENTES: 2007, p. 26/7 – grifo meu).

“Sor Michelina”. É aqui que a narrativa fuentesiana se insere em fronteiras outras e traz à lembrança um nome importantíssimo nos estudos sobre a literatura mexicana: Juana de Asbaje; ou, como é mais conhecida, Sor Juana Inés de La Cruz. E em quem encontraríamos melhor comparação com o sonhar agônico da “Sor” Michelina de Fuentes senão em Sor Juana? Aquela que foi monja e poeta, esposa de Cristo e defensora do feminino frente aos dogmas patriarcais do catolicismo; aquela que primeiro desafiou o *establishment* da Igreja de seu tempo para, por fim, submeter-se a esse mesmo poder, reclusa, resignada, penitente¹³. Conforme anotou Octavio Paz sobre Sor Juana, “en su vida misma, hay una zona (...) de vacío: la que produce el choque de las tendencias que la devoraban y que no acertó a reconciliar” (PAZ: 1959, p. 102). Todavia, contrapondo-se a Juana de Asbaje, a Sor *capitalina* de Fuentes, desafiadora (como habitante da capital mexicana, quiçá mais semelhante às cidades *anglo* do que à Campazas), subverte a reclusão de Sor Juana e, na madrugada

¹³ Remeto o leitor para a extensa biografia *Sor Juana Inés de la Cruz o las trampas de la fe* (1982), escrita por Octavio Paz.

seguinte ao seu casamento com Marianito, cruza com don Leonardo Barroso

[l]a línea ininterrumpida hasta la frontera, a romper el ilusorio cristal de la separación, la membrana de vidrio entre México y los Estados Unidos y seguir corriendo por las supercarreteras del norte hasta la ciudad encantada, la tentación del desierto, iluminada, brillante, llena de Neiman-Marcus y Saks y Cartier y Marriotts donde los esperaba a los novios la suite de lujo, con champaña y canastas de frutas, salón, espaciosos closets, recámara con cama king size, muchos espejos donde admirar[la] (FUENTES: 2007, p. 31/2).

Aqui cabe observar a oscilação da personagem Michelina – entre seu lado Guadalupe/‘Sor’ e seu lado ‘Malinche’ (de amante, traidora). Na passagem acima ela, ‘malincheanamente’ vive, entrega-se não somente ao *self-made man* mexicano da trama, mas também à sociedade de consumo *del otro lado*, do lado estadunidense da fronteira.

Contudo a figura ou, em um dizer mais adequado à visão dos intelectuais mexicanos, a sombra de Sor Juana Inés de La Cruz não desaparece, não abandona a narrativa fuentesiana em “La capitalina”.

A meu ver, ela recai sobre Marianito Barroso, aquele “que nunca viajaba, que salía muy poco (...), un muchacho muy retirado (...), *muy lector*, muy dado a refugiarse en el rancho *a leer día y noche*” (FUENTES: 2007, p. 16 – grifo meu). Se à personagem Michelina não couberam as características intelectuais da figura que a narrativa deixa transparecer, permeando a descrição do sonho da *capitalina* há uma espécie de passagem, de transposição, que o narrador concebido por Fuentes faz. Pois ao final do sonho de Michelina, em que havia a presença de “Cristos yacentes, llagados, heridos, espinados” (FUENTES: 2007, p. 27), segue-se que

[a]quí el sueño de Michelina en la ciudad de México se unía al de Mariano en la recámara sin luces de Campazas, pues el muchacho también soñaba con uno de esos Cristos dolorosos de las iglesias mexicanas, más dolorosos que sus Madres las Vírgenes, recostado el Hijo dentro de un féretro de cristal, rodeado de flores empolvadas, él mismo convirtiéndose en polvo, desapareciendo en su viaje de regreso al espíritu, dejando sólo el testimonio de unos clavos, una lanza, una corona de espinas, un trapo mojado de vinagre (...) Qué *solo* el Cristo, y cómo lo envidiaba él. *Si a Cristo* adolorido, befado, herido, *lo dejaban en santa paz, ¿por qué no a él*, que sólo quería vivir en

el rancho de sus padres, *leyendo todo el día?* (FUENTES: 2007, p. 27 – grifo meu).

Vejo, então, Marianito como o outro monge do conto/capítulo, a outra Juana de Asbaje. Intelectual, tudo o que ele quer é estar só no rancho em que passou a vida toda a ler e ler e ler, mesmo que seja às escuras. É um ser resignado, tímido, solitário, tal como interpretam ser um dos rasgos psíquicos do mexicano tanto Ramos quanto Paz, ou mesmo como Fuentes. Dessa maneira, creio represente bem minha análise da imagem remissiva de Juana de Asbaje, incidindo sobre os personagens Marianito Barroso e Michelina Laborde, outra imagem um tanto arbitrária de minha parte, mas, penso, propícia, ilustrativa. Vejo a narrativa de Fuentes quase “crucificando” a Sor Juana Inés na cruz que Marianito sonhou deixada por Cristo. E assim, pregada, uma das mãos de Sor Juana representaria Marianito, o tímido, o intelectual recluso; e a outra, ainda por prender, ainda por pregar representa Michelina Laborde e Ycaza, casada forçosamente com Cristo; porém, desafiadora de dogmas, ou convenções. Mas, afinal de contas, como explicar o feminino em Marianito, se a narrativa em momento algum lhe atribui qualquer desejo homoerótico?

Em outro sonho de Marianito, a perspicácia da narrativa está em equiparar a figura do herdeiro de *don* Leonardo Barroso à imagem de uma lebre, animal que “corre muy rápido porque es muy tímido” (FUENTES: 2007, p. 28), animal que

[n]o hurga como otros de su especie: anida, busca un espacio estable, tibio, (...) donde lo dejen estar. (...) Nace de la leche, la desea de vuelta, quiere mamar en la oscuridad, ser mamado, en un nido, sin sobresaltos, sin nadie que lo observe gozar (FUENTES: 2007, p. 28).

Quando Leonardo Barroso cruza a fronteira em um possante carro de luxo, tendo ao seu lado a esposa de seu filho, doravante também amante dele, *don* Leonardo ou, melhor dito, a velocidade com a qual o automóvel desse personagem central do livro atravessa a estrada espanta lebres que beiravam o caminho. E essas lebres, em uma correspondência remissiva, aludem, representam, são a metaforização de Marianito.

Pois bem. Ao lançar olhar sobre o mexicano rude de seu tempo, Samuel Ramos encontra espaço para classificar um tipo urbano extremamente grosseiro, *el pelado*, a respeito do qual já teci comentários no capítulo anterior. Para esse tipo citadino, sua

hombridade, valentia e exacerbação verbal são a marca maior do seu nacionalismo, de seu mexicanismo, sua mexicanidade. Segundo Ramos, *el pelado* “en sus combates verbales atribuye al adversario una *femineidad imaginaria*, reservando para sí el papel masculino.” (RAMOS: 1984, p. 54 – grifo meu). E é essa feminilidade imaginária que o narrador de Fuentes busca, sem o dizer, atribuir a Marianito. Desse modo, à luz de um raciocínio paziano, Marianito Barroso é o *chingado*, o feminino, passivo, inerte e aberto; o covarde que não suporta cruzar a fronteira. Em contrapartida, seu pai é o *chingón*, ativo, agressivo, o macho violador que não teme cruzar a fronteira, por não se dobrar ante limites (cf. PAZ: 1959, p. 70).

Outro personagem em que o trato ao gênero feminino se revela é Juan Zamora, o “Juanito” do capítulo “La pena”. As observações dispensadas à Marianito Barroso aqui quase se assemelham. Mas “quase” não equivale a “ser igual”. Há algo que difere o tratamento do feminino em ambos, pois em Juanito entra em cena o homoerotismo.

Em “La pena”, o narrador fuentesiano muda de tom para abordar o homossexualismo do protagonista do conto. Um tom um tanto mais ácido, entre irônico e provocador. Já no início desse capítulo, Fuentes usa de estratégia metaficcional ao fazer seu narrador admitir furtivamente que irá “contar um conto”. No entanto, tal feito

não é o que chama mais atenção nesse momento do enredo. Há uma alteração de perspectiva, um *cambio* de postura a convidar o leitor para entreter-se, sem que, contudo, esse perca o respeito por Juan. Uma intermediação, uma ponte inventada pelo narrador. E essa alteração é justificada por ele da seguinte maneira:

Juan Zamora me ha pedido que *cuente este cuento de espaldas*. Es decir: *él va a estar de espaldas* al lector todo el tiempo. Dice que siente vergüenza. O como él dice, "estoy apenado". La "pena" como sinónimo de "vergüenza" es una particularidad del habla mexicana, igual que decir "mayor" en vez de "viejos" para no ofender a éstos, o decir "está malito" para suavizar una enfermedad mortal. La vergüenza duele; el dolor, a veces, avergüenza (FUENTES: 2007, p. 35 – grifo meu).

O jogar com a relação semântica existente entre *pena* e *vergüenza* acaba por ser o fio condutor da história que (diz um narrador cada vez menos confiável) quer Juan Zamora que ele, o narrador, nos conte. Mas, há um momento em que é abandonado o prisma adotado pelo narrador para tratar dessa relação de sentidos léxicos. E a mudança da perspectiva narrativa, proposta pela criação de uma imagem em que o protagonista está de costas para o leitor, dá-

se justamente em uma passagem que começa a tocar na questão do feminino em Juan. Havendo conseguido uma bolsa para estudar medicina em uma universidade estadunidense, Juanito conhece Jim, um jovem anglo-americano. E é com ele que descobre sua sexualidade, sendo essa a descoberta que altera o ponto de vista em que o leitor se via inserido até então. Repare-se a bela sequência bem construída por um narrador que agora nos quer tocar pelo romantismo da cena de uma atração homoerótica, desvelando-se no momento em que o mexicano e o norte-americano realizavam uma necropsia:

Se tocaron las manos enguantadas, con la misma calidad de los preservativos, aislados por el hule, las mascarillas, los batones. Sólo los ojos se vieron. *Ahora Juan Zamora nos da la cara, se voltea a mirarnos, se arranca la mascarilla, ya no está de espaldas*, muestra su rostro mestizo, joven, moreno, de huesos notables, recortados, su piel de postre, piloncillo, panochita de canela, café con leche, su mentón suave y firme, su labio inferior grueso, su mirada líquida, negra, que encuentra la mirada gris avellanada. *Juan Zamora ya no está de espaldas*. Instintiva, apasionadamente, *nos da la cara*, la acerca a los labios del otro, *se une en un beso liberador*, completo, *que le lava* de todas sus inseguridades, de todas sus *soledades*, de todas *sus penas y vergüenzas*. Se besan los dos muchachos para

vencer la muerte, si no para siempre, sí ahora, en este momento, urgidos, temblorosos, ardientes (FUENTES: 2007, p. 46 – grifo meu).

Porém, esse conto é sobre *pena e vergüenza*, nunca é demais lembrar. Apesar de não estar mais de costas para o leitor a partir da metade da história, Juan Zamora começa o relato *apenado* e com vergonha, e é assim que ele vai terminar. Mas de onde advém esse sentimento metonímico traduzido em duas palavras cujo valor semântico se aproxima no falar mexicano? O narrador cambiante fuentesiano dá conta de que, além de tudo, “La Pena” “es una historia de la época del auge petrolero en México, fines de los setenta, principio de los ochenta¹⁴” (FUENTES: 2007, p. 35). Desse modo, é dialogando com um fato importante para a História mexicana que o narrador dá conta ao leitor de que essa é uma das razões do sentimento nacional mexicano de pena e vergonha. Com efeito, esse sentimento é trasladado, incorporado em Juanito, personagem filho de uma classe média decadente, que viveu seus sonhos de riqueza no *boom*

¹⁴ De fato, em linhas gerais, a partir de meados dos anos de 1970 até os primeiros anos da década de 1980 o México vivenciou grande empolgação em torno a sucessivas descobertas de poços de petróleo. Contudo, grosso modo, os governos aparentemente confiaram em demasia nos ganhos que o ouro negro poderia gerar e investiram nessa área mais do que ela pôde oferecer, o que acabou por agravar crises pré-existentes à descoberta dos poços (cf. BETHELL: 1998, *passim*, 130-4).

mexicano do petróleo. Sonhos chafurdados na incompetência em se administrar tão provável riqueza, Zamora é filho, herdeiro dessas desventuras. Seu pai já morreu, e Juan Zamora vive com a mãe em um bairro de periferia. Seu pai foi advogado e grande colaborador de *don* Leonardo Barroso. Mas, advogado honesto que foi, jamais pediu favores, fato que dá vazão para que a narrativa volte a tocar nas proximidades das palavras-chave do conto. Articulando um *cruce* linguístico México/EUA, os verbetes *pena* e *vergüenza* voltam a se imbricar em um diálogo dos dois amantes:

- Explícame si pena y vergüenza, como les dices, son algo así como *pity* y *shame* en inglés – dijo el norteamericano.
- Me da pena mi madre, quejándose siempre de lo que no fue, adolorida por su vida que debe aceptar y que ya nunca será de otra manera. Me da vergüenza su compasión de sí misma, tienes razón, ese horrible pecado del *self pity*, de estarse dando pena a uno mismo el día entero. Sí, creo que tienes razón. Hay que tener un poco de compasión para encubrir la pena y la vergüenza por los demás (FUENTES: 2007, p. 52).

E, em outra artimanha, a narrativa se aproveita desse cruzamento linguístico entre as palavras para inserir boa parte da

razão do “apenar-se” de Juan. Seu amor norte-americano usa o subterfúgio das questões levantadas no diálogo acima para romper com ele, para romper com o amor impossível entre México e Estados Unidos: “– Lo siento, Juan. De verdad *me apena* lo que voy a decirte. Bueno, hasta *me avergüenza*. Tú entiendes que nadie es totalmente dueño de su destino” (FUENTES: 2007, p. 53 – grifo meu). E é por isso que a narrativa joga sobre os ombros do personagem Juanito tanta *pena* e *vergüenza*. Abandonado, com pena de si mesmo, sequer termina seus estudos, volta para a melancolia de Ithaca, sua cidade mexicana. E é por isso que, em meu entendimento, o feminino também está nele. Não porque fosse homossexual. Não, Juanito não tem vergonha de ser gay, ele “tiene compasión. Nos ha dado la cara” (FUENTES: 2007, p. 60). Mas antes porque se entregou ao estrangeiro do outro lado da fronteira, deixou-se *chingar*. Traindo aos seus, pois também tinha vergonha de sua condição social, encantando-se com o que seus olhos miravam do outro lado, deixou-se também trair. E, pior, seu *chingón* foi um gringo, um estadunidense que o abandonou para casar com outra gringa, negando, inclusive, a sexualidade que achava tão sua, tão deles. Mesmo o narrador, aqui mais dúbio do que nunca, joga, “brinca”, logo ao início do conto, com a condição de traidor de Juan, deixando transpassar a visão do

mexicano diante da postura de Juan, entre o feminino de sua sexualidade e o feminino de sua traição:

Juan Zamora no les dará la cara a ustedes a lo largo de esta narración. Sólo podrán ver su nuca, su espalda. No digo "sus nalgas" porque ya sabemos lo que esto significa en México. Darlas. El acto más ruin de cobardía, entrega o cortesanía abyecta (FUENTES: 2007, p. 35).

Assim, apesar da dubiedade do narrador *coyote* de Fuentes, vejo o feminino em Marianito, Juanito e mesmo em Zamorita (como era chamado o pai de Juan por *don* Barroso). Feminino que a narrativa faz questão de apontar ao chamá-los pelo diminutivo. Marcados por seus sufixos, Marianito, Juanito e, inclusive, Zamorita. Neles a encarnação da mítica figura de *La Malinche*. Neles, a feminilidade. A passividade. E a traição.

Seria ingênuo de minha parte não admitir a força do gênero feminino em outras personagens do sexo feminino. Não, não quero burlar o leitor. Mas entendo que o tratamento conferido pela narrativa a essas personagens se enquadra melhor nos eixos das interfaces culturais e da relação espaço/tempo no romance. Algo que, de

nenhuma maneira exclui o diálogo com temas tratados na presente seção, tal como veremos.

Inter-relações culturais em *La frontera de cristal*

Mesmo analisando uma obra cujo tema central é a relação conflituosa entre México e Estados Unidos (países que dividem uma fronteira física, geográfica), procurei até o momento tocar, sempre que possível, na mãe primeira dessa imbricação daqueles que entre si estabeleceram uma fronteira invisível, mas em nada abstrata, a qual cruza o Atlântico. A saber: o relacionamento entre indígena e espanhol, que deu origem ao povo mexicano. Se hoje o mexicano volta seu rancor nacionalista para os ianques que lhe tomaram metade do território, não é menos rancorosa a lembrança ante seu “pai” espanhol. E essa construção indígena/espanhol/mexicano não deixa de ser abordada no romance ora analisado. Através do uso de uma linha narrativa que amarra seus contos de modo a passar para o leitor uma sensação de simultaneidade de acontecimentos se desenrolando no enredo, tal constructo não é trabalhado de forma linear. Não. Mas, ainda assim, é apresentado como uma espécie de conflito primeiro, posto em discussão por narrador e personagens. Por essa razão, não

me furtei a ir e vir sobre esse assunto. Porque o enredo de *La frontera de cristal* não abandona o “encontro” primeiro.

A respeito dessa temática o próprio Carlos Fuentes, em seu livro de ensaios *El espejo enterrado*, escreve que

[v]arios traumas marcan la relación entre España y la América española. El primero (...) fue la conquista del Nuevo Mundo, origen de un conocimiento terrible, el que nace de estar presentes en el momento mismo de nuestra creación, *observadores* de nuestra propia *violación*, pero también testigos de las crueldades y ternuras contradictorias que forman parte de nuestra concepción. Los hispanoamericanos no podemos ser entendidos sin esta conciencia intensa del momento en que fuimos concebidos, hijos de una madre anónima, nosotros mismos desprovistos de nombre, pero totalmente conscientes del nombre de nuestros padres. Un dolor magnífico funda la relación de Iberia con el Nuevo Mundo: un parto que ocurre con el conocimiento de *todo aquello que hubo de morir* para que nosotros naciósemos: el esplendor de las antiguas culturas indígenas (FUENTES: 1993, p. 17 – grifo meu).

Percebam-se no trecho supracitado ecos de um raciocínio paziano, quando fala de violação, e também a semelhança com

argumentos ramosianos, ao tocar na morte (total apagamento, ausência de continuidade de existência) das antigas culturas indígenas. Mas, e no romance de que trato, onde estão os indígenas, como estão os indígenas?

“La apuesta” é o oitavo conto/capítulo a compor esse romance de Fuentes. O conto trata da representação do reencontro entre o espanhol e o mexicano, um a questionar o outro. São narradas duas histórias. A primeira sobre o amor de dois guias turísticos: ela, Encarnación Cadalso, espanhola; ele, Leandro Reyes, perdido em seu rancor para com os indígenas de seu país, mexicanos como ele próprio, vê-se resgatado por um amor que o faz viajar até a Espanha, a pretexto inicial de substituir o motorista de Leonardo Barroso. A segunda história, ambientada em um *pueblo* espanhol, discorre sobre o desejo de partir de um *país de piedra* rumo à América estadunidense, tal como os mexicanos. A estrutura fragmentada no princípio acaba por colidir-se no final. Porém, interessa-me no momento o início do relacionamento entre a espanhola e o guia mexicano, quando um clima de animosidade marca o convívio entre ambos. Quando um momento em que ambos observam com atenção os murais de Diego Rivera sobre a Conquista é o caminho utilizado pela narrativa para a retomada da discussão acerca do choque entre essas culturas:

¿en verdad fuimos así de malos?, y Leandro no supo qué decir, él no estaba allí para dar juicios de valor, así lo vio el pintor, pues a ver por qué hablan castellano y no indio entonces, si tanto les duelen los indios, dijo ella.

– Eran muy valientes – dijo Leandro –. *Tenían una gran civilización y los españoles la destruyeron.*

– Pues entonces *si tanto los quieren, a tratarlos bien hoy mismo* – dijo con su tono duro y realista Encarna –, *que yo los veo más maltratados que nunca.*

Luego se detuvieron en una sala donde Rivera pinta todo lo que Europa le debe a México: chocolate, maíz, tomate, chile, guajolote...

– Atiza – exclamó la Encarna – si pusiera todo lo que México le debe a Europa, no le alcanzan todas las paredes del alcázar éste... (FUENTES: 2007, p. 211 – grifo meu).

A esse jogo dialético entre um passado exaltado por Leandro (México) e o presente contestado por Encarnación (Espanha), a narrativa responde pelo viés da visão que o narrador confere ao próprio Leandro Reyes. Ocorre que ele é pago para conduzir três turistas: a própria Encarna (como ela mesma se denomina) e um casal a respeito de quem Leandro deixa transparecer em seus pensamentos o

mau tratamento dispensado aos indígenas no presente. Repare-se, ainda, a presença de seu nacionalismo preconceituoso em sua visão sobre o casal formado por “una turista norteamericana, eso se veía a la legua, rubia, descolorida (...). Un mexicano que no le soltaba la mano, un [indio] nacoleón de miedo, moreno y bigotón” (FUENTES: 2007, p. 205). E Leandro vai adiante em seu preconceito, pois o narrador de Fuentes nos conta que o guia mexicano

[m]iraba por el retrovisor a la pareja de la gringa y el naco y le daba rabia, como siempre que un prieto de estos se aprovechaba de las primitas que venían buscando lo exótico, lo romántico, y acababan en manos de unos *hijos de la chingada*, zotacos repugnantes y vulgares por los que aquí ninguna vieja daría ni un quinto (FUENTES: 2007, p. 206 – grifo meu).

Hijos de la chingada. De novo o termo. Traidores. E passivos. É a narrativa. É o narrador *coyote* de Fuentes a querer que o leitor infira por intermédio do viés de suas descrições o tratamento dispensado ao indígena pela própria sociedade mexicana, a mesma que exalta a grandeza de suas antigas civilizações quando da chegada dos espanhóis. Passivos, apagados como os indígenas do primeiro

conto/capítulo, o “La Capitalina”, Aqueles com os quais Marianito Barroso se identificava, em quem se reconhecia, porque eram:

[i]ndios *naturales e indiferentes a las perversiones de la naturaleza*, que algunos llamaban pacuaches y otros "*indios borrados*", como él, indios invisibles, *seres miméticos de ese gran lienzo de imitaciones y metamorfosis que es el desierto* (FUENTES: 2007, p. 27-8 – grifo [*italico*] meu).

Sim. Na passagem acima eles são *borrados* (apagados), porque alijados da chamada ‘civilização’ – e é digno de nota como eles são vistos como parte da paisagem (deserto) e, portanto, “naturais” (bons selvagens). Dessa maneira, é nessa tangente que o trecho narrativo acima mencionado vem ao encontro de algumas assertivas sobre a categoria transculturação. Nesse aspecto, corrobora minha colocação a citação abaixo, em que, ao abordar a construção imagética através da qual a mexicanidade costuma ser representada, o intelectual mexicano John Mraz aponta que

[t]he visual construction of *mexicanidad* is usually related to the picturesque stereotype of the fauna and flora that are considered natural and essential to that country: Indians, *campesinos*, and

charros (cowboys), with their typical clothing, handicrafts, and animals, all placed within the indigenous context of maguey cactus, billowing white clouds, and snow-capped volcanoes (MRAZ: 2006, p. 107).

Mraz trabalha operando à luz do conceito de transculturação. E sua abordagem, a meu ver, aproxima-se desse conceito já sob os contornos que lhe conferiram Ángel Rama. Nesse sentido, J. Mraz toca na relação entre o que chama de transculturação visual e identidade nacional. O autor apresenta essa tensa relação como um processo ainda em movimento, atravessando e influenciando sobre o imaginário de artistas (e, por conseguinte, de quem contempla suas obras) de ambos os lados da fronteira (cf. MRAZ: 2006, p. 6). Ainda assim, mesmo sendo um constructo dialético em crescente movimento, as descrições de John Mraz acima citadas, dão conta de um imaginário já tradicional a respeito do mexicano. Imaginário esse que a narrativa de *La frontera*, continuando em “La capitalina”, aproxima do leitor, concedendo-lhe tons ainda mais agudos, como na visão que tinham *doña* Lucila, esposa de *don* Leonardo, e suas amigas, de um dos empregados da família Barroso. Ele era um *pacuache* que

não falava espanhol e a quem, conta-nos o narrador, *doña* Lucila e as amigas, na diversão de suas festas, “enxergavam” como um

[j]ovencito indígena [que] era esbelto y bello como un dios del desierto, no de mármol blanco, sino más bien de ébano, y cuando se les subían los jaiboles, las señoras lo desvestían colectivamente y lo hacían pasearse desnudo con una bandeja en la cabeza (FUENTES: 2007, p. 19/20).

Esse mesmo tratamento pitoresco dado ao indígena mexicano já preocupava Samuel Ramos nas primeiras décadas do século passado. Em suas observações sobre a crença na existência de uma fisionomia nacional definida, que o tipo de nacionalismo mexicano criticado por ele deixava transparecer, Ramos escreve que

[t]al creencia se ha sostenido con el argumento de una realidad pintoresca en la que figuran el paisaje con sus montañas y sus cactus, salpicado de puntos blancos: *los indios con su traje de manta*. El arte nuevo se ha encargado de amplificar, como una caja de resonancia, las dimensiones de lo pintoresco, que ha encontrado *favorable acogida*, sobre todo entre los *turistas yanquis* (RAMOS: 1984, p. 91 – grifo meu).

Pela leitura dos trechos citados, o diálogo possível é com as operações de perdas, seleções, redescobrimientos e incorporações que, segundo Ángel Rama (cf. RAMA *apud* SOBREVILLA: 2001, p. 22-3), são efetuadas na transculturação através de uma espécie de consciência metanarrativa. Meu entendimento nesse instante é o de que, à luz da visão de Rama, pode-se interpretar que a consciência metanarrativa do texto de Fuentes põe em movimento elementos transculturadores ao trabalhar o olhar exotizante já anotado por Samuel Ramos, tal qual o de turistas diante do estrangeiro, na narração das senhoras contemplando seu *jovencito indígena*. Quanto a esse aspecto, repare-se que, por intermédio de seu narrador, Fuentes representa em seu romance o apagamento da marca indígena por parte da sociedade mexicana, criticando a posição hegemônica que nulifica o componente índio. Note-se que na passagem acima os indígenas são objeto do olhar “civilizado”, que contempla sua alteridade de forma exotizante; sexualizados, porém passivos.

Ao mesmo tempo, se voltarmos ao seu *El espejo enterrado*, encontramos um Fuentes escrevendo (sobre as origens hispano-americanas do mexicano) que

[s]omos indígenas, negros, europeos, pero sobre todo, *mestizos*.
 (...) Cuando *excluimos* nos traicionamos y empobrecemos.
 Cuando *incluimos* nos enriquecemos y nos encontramos a
 nosotros mismos (FUENTES: 1997, p. 526 – grifo meu)

Poderíamos argumentar que esse “incluir” e “enriquecer” no discurso ensaístico de Fuentes contém paralelos com a representação, em seu romance¹⁵, do menosprezo (mesmo sob um olhar exotizante) da sociedade mexicana por seus indígenas– revelando, mesmo que disfarçadamente, a vinculação do autor ao pensamento de síntese (em que sobressai o componente hispânico hegemônico, aquele que absorve os demais, mas permanece no centro) como resultado definitivo das *mesclas* interculturais.

Nesse ponto, Fuentes comungaria das mesmas correntes ideológicas a que estão presos seus antecessores, Ramos e Paz. Nesse aspecto, sua narrativa em *La frontera de cristal* se aproximaria das categorias de mestiçagem e transculturação (nas versões de Ortiz e Rama); todavia, no sentido em que estas são criticadas por Cornejo-Polar. Isto é, ao tratar, no romance aqui analisado, das *mesclas* culturais que atravessam o mexicano, Fuentes estaria apresentando em

¹⁵ Sob a luz do temário contido nos trechos até aqui analisados.

sua ficção ecos de sua ensaística, assim como a de seus predecessores. Ecos em que, mesmo não deixando de abordar situações de conflito (proximidade maior à transculturação), sobressai, através dos personagens representados, certo desejo nacionalista de um todo mais ou menos unificado e coerente (cf. CORNEJO-POLAR: 1996, p. 54-55).

Mas a narrativa de *La frontera de cristal* gosta de preparar ardis para o leitor (a literatura não define, quer discutir). De volta a “La Apuesta”, a narrativa redime Leandro. E, ironia, quem o livra de seus preconceitos é a guia espanhola, é seu amor por uma mulher de Espanha, espaço onde as duas histórias do conto enfim se tocam. Ou melhor, chocam-se. A segunda história é uma aposta entre um velho e um garoto, que fizera mal contra o filho doente do velho. A aposta consiste em dois carros de um lado e do outro de um túnel, e aquele que se desviar da colisão perde. Porém, são o guia mexicano e sua amada espanhola (que iriam conduzir Leonardo Barroso e sua nora/amante ao aeroporto) que colidem contra o carro do rapaz, na representação do choque entre duas culturas que parecem fadadas a ter seu encontro proibido.

Ao trabalhar seus preceitos tanto no âmbito cultural quanto no literário, o intelectual peruano Antonio Cornejo-Polar escreveu que

seu conceito de heterogeneidade “trataba de esclarecer la índole de procesos de producción discursiva en los que (...) cada una de esas (sus) instancias es internamente heterogénea” (CORNEJO-POLAR: 1996, p. 55). Assim, tem-se que, apresentando discursos internos que se embatem em suas instâncias, suas entranhas, a narrativa fuentesiana, desse modo, dialoga, flerta com os preceitos de Cornejo-Polar. Ela – ainda nos termos de Cornejo-Polar (1996, p.55) – se debate junto à filiação sócio-étnico-cultural de seu autor e propõe o reencontro México/Espanha, para depois representá-lo como impossível. E, se impossível entre essas duas nações que o romance quer nos mostrar um tanto mais íntimas e conhecidas, que dirá com o vizinho mexicano do norte. Que dirá com os Estados Unidos.

As diferenças. As semelhanças. Há semelhanças? México e Estados Unidos, o Sul e o Norte, Primeiro e Terceiro Mundo: suas relações culturais trafegam entre espaços irreconciliáveis? Alguma vez houve conciliação? De que modo a literatura de *La frontera de cristal* lida com essas questões?

A meu ver, o êxito de Carlos Fuentes nesse romance em nove contos está em ora apresentar os contrastes culturais pelo olhar do outro, ora metaforizar e mimetizar em seus personagens os

cruzamentos, os atravessamentos culturais que rasgam mexicanos e estadunidenses de um lado e do outro da fronteira.

Um bom exemplo do olhar sobre esses *cruces* culturais é o terceiro capítulo da obra, o conto sugestivamente intitulado “Los Despojos”. É o conto em que o narrador fuentesiano se utiliza da ironia, do absurdo e da galhofa para abordar o poder de atração e de repulsa provocados por duas culturas vizinhas, distintas entre si, mas que constantemente não deixam de se atravessar. É o conto de Dionísio “Baco” Rangel, um *chef* mexicano de notório sucesso nos Estados Unidos, país ao qual apelida de Estados Unidos da Amnésia, dado o esquecimento norte-americano de parte da história de disputas territoriais entre os dois países.

O nome do personagem em si já é um achado da narrativa. É uma contraposição ao imperialismo norte-americano, e à não-aceitação estadunidense de que o mundo hispânico, em especial o mexicano, em muito contribuiu para o erigir de seu “império”. Mais até do que representar a mescla, o sincretismo entre duas culturas (a grega e a romana, respectivamente), o nome do personagem (nome de dois deuses da festa, do vinho, da orgia) alude ao gosto mexicano por festas. No conto, Dionísio “Baco” é a personificação irônica da bandeira política de uma ressentida e rancorosa austeridade mexicana.

Além da cultura de seu país, admira muito mais a cultura e os gostos franceses¹⁶, clara provocação narrativa à cultura anglo-americana.

Contudo, entram em ação mais uma vez as astúcias da narrativa. Aos poucos o *chef* vai abrindo sua guarda e se rendendo aos encantos estadunidenses, culminando com o momento em que passa a desejar uma mulher extremamente obesa e a inquirir-se sobre as múltiplas camadas adiposas de sua pele, representação do gigantismo da nação norte-americana, para o “bem” e para o “mal” (cf. FUENTES: 2007, *passim* 63-76). Mas é no final do conto que as diferenças, as perspectivas culturais em contraste são tornadas mais agudas pela narrativa.

As considerações baseadas na obra de Mraz (2006), já abordadas por mim anteriormente (páginas 84-5 da dissertação), também dialogam com o que sucede ao personagem “Baco” quando do efeito que certa perspectiva cultural, transculturação visual em ação, causa sobre o personagem. Dionisio chega às vias do delírio ao querer fugir da atração e do encanto norte-americanos. Conversa com um gênio imaginário que lhe concede o pedido de uma mulher para cada prato solicitado por ele em um restaurante anglo. E elas (aqui

¹⁶ Por muito tempo, Paris foi o destino mais desejado, visitado e exaltado por artistas e intelectuais latino-americanos. À Paris convergiam mais personalidades do que para a angla Nova Iorque, por exemplo. Em especial, durante todo o século XIX.

uma vez mais o feminino) lhe expõem, além da condição das variantes imbricadas no que é ser mulher, também a condição do ser estrangeiro e, pior, expõem as feridas abertas da injusta nação mexicana, injusta consigo mesma, com seu povo, historicamente atolada em um mar de lama de corrupção e descaso com os pobres (cf. FUENTES: 2007, *passim* 81-93). Dionísio, então, foge e, na rota de sua fuga, vê

[u]n maniquí representando a un mexicano típico [que] *dormía la siesta apoyado contra un nopal, protegido por su sombrero ancho, vestido de peón, con huaraches*. El clisé indignó a Dionisio, entró violentamente a la agencia de viajes, sacudió al maniquí pero el maniquí no era de palo, era de carne y hueso (FUENTES: 2007, p. 92 – grifo meu)

Daí, “Baco” arranca o homem da vitrine pelos braços e, enlouquecido, leva-o em seu carro para que viessem a cruzar a fronteira de volta, livrando-se, ali, de suas roupas. Nus, livres de seus despojos. Minha leitura é a de que Dionisio não consegue suportar a transculturação visual de que trata John Mraz. “Baco” não suporta a transculturação que se lhe é imposta aos seus olhos. E mais. Ele não quer se deixar seduzir pelo gigantismo norte-americano e sequer suporta que falem mal do todo unificado em que concebe seu universo

mexicano. Dionisio “Baco” Rangel é, por assim dizer, um Fernando Ortiz fuentesiano, que (interpretando errado o prefixo anglo-saxônico “a”) não quer se aculturar.

Há, no conjunto da narrativa, outros exemplos desses embates culturais. No entanto, tais conflitos ganham maior agudeza no último conto do romance, espécie de síntese do livro. Nesse capítulo, também subdividido em nove partes, entra em ação a estratégia da narrativa em usar tempo e espaço para atrair, de uma só vez, personagens e leitor para a fronteira. Desse modo, relacionados conflitos culturais, mais tempo e espaço no conto “Río Grande, río Bravo”, este tópico não se encerra aqui. Antes, insere-se no próximo.

A relação espaço-tempo de um romance em nove contos

O eixo espaço-tempo tem especial relação em *La frontera de cristal*. Como não poderia deixar de ser, dado o título do romance, o espaço privilegiado pela narrativa é a região da fronteira México/EUA. Nesse aspecto, destaca-se não somente a representação literária de lugares reais, como as cidades fronteiriças de El Paso (Estados Unidos) e Juárez (México); mas, também, a criação de espaços metafóricos, como é o caso da risca fosforescente que separa

sul e norte no conto/capítulo “La raya del olvido”. A espacialização geográfica se estende a lugares outros além das linhas de fronteira. Mas, ainda assim, mesmo neles o espaço limítrofe é lembrado a todo momento. E, ainda que de modo imaterial, tocando nas fronteiras que separam, atraem, repelem pessoas e culturas de México e Estados Unidos, a narrativa aborda, atrai para a linha fronteira física. É para lá que ela quer atrair, pelo enredo, personagem e leitor.

À primeira vista, o tempo em *La frontera* parece categoria de menor valor em relação ao espaço. Mas é o seu sentido histórico que o une à espacialização, lembrando ranços, convocando todos a estar e pensar (n)a fronteira. Mais do que a simultaneidade de fatos não-consecutivos de um cotidiano contemporâneo ao ano de lançamento da obra (1995), o tempo quer fazer lembrar também no presente em sentido prospectivo um futuro de possibilidades, mais imagináveis que realizáveis. Assim, operam em conjunto, usados pela narrativa como eixo de fronteiras culturais conflituosas, historicamente.

Figura representativa da fronteira como uma grande ferida a céu aberto, o *río Grande* (México), *río Bravo* (EUA) dá nome ao conto-síntese de *La frontera de cristal*, capítulo para onde convergem as questões suscitadas pela obra. E é como rio que ele se derrama por esse último enredo, inserido como uma narrativa (quase) paralela às

demais. Agindo já na tipologia específica que nele é usada, distinta da usada nas demais (sub)narrativas, ele é espaço em sua geografia. E tempo. Tempo histórico em suas letras impressas em *cursivas*, como a metaforizar o curso do rio da história. Ele é Rio-espaço, rio-tempo, contando o curso de toda uma história de enfrentamentos culturais, tecendo alusões à característica historicamente migratória dos povos que sempre rodearam suas margens:

Ésta nunca fue la tierra donde el hombre nunca fue: desde hace treinta mil años los pueblos siguen el curso del río grande, río bravo, descienden desde el norte, emigran hacia el sur, buscan los nuevos territorios de la caza, de paso descubren América, sienten la atracción y la hostilidad del nuevo mundo, no descansan hasta recorrerla entera para saber si es tierra amiga o enemiga (FUENTES: 2007, p. 238 – o grifo é do texto original).

Mas, enquanto esse rio perpassa, atravessa as histórias outras do conto, vários acontecimentos vão sendo narrados, variados enfrentamentos vão sendo colocados. E, a meu ver, dois deles se destacam. São dois episódios em que o enredo passa a flertar com a questão dos *chicanos*, estadunidenses de ascendência mexicana. Mas,

para sua melhor compreensão é necessário uma breve inserção no histórico que envolve tal termo.

Na primeira metade da década de 1960, uma grande massa de origem mexicana que vivia nos Estados Unidos se apoiou na luta pelos direitos civis para buscar uma reforma da conjuntura política que resultasse na remoção dos impedimentos de sua total participação na sociedade.

Ainda durante os anos de 1960, os trabalhadores de origem mexicana empregados na indústria bélica, indústria civil, construção, serviços e agricultura começaram a organizar-se em sindicatos. Seu líder sindical viria a ser César Chávez, desde então um símbolo do movimento chicano. Ele fundou o *National Farm Workers Association* (NFWA), associação que conseguiu subir os salários dos trabalhadores migrantes junto a dois grandes produtores da Califórnia. A NFWA, algum tempo depois, fundiu-se a uma organização de trabalhadores filipinos. Tal união deu origem ao *United Farm Workers Organizing Committee* (UFWOC), o qual organizou piquetes contra os produtores de uvas em Delano (Califórnia), que pagavam baixíssimos salários aos trabalhadores. Desse movimento foi gerado o episódio conhecido como *La Huelga* (“A Greve”), que, ao longo dos cinco anos em que durou, recebeu apoio de dezessete milhões de

estadunidenses. Durante esse período, tamanho apoio ao boicote chicano acabou por pressionar os produtores, que cederam, garantindo novos direitos e melhores salários. Depois disso, a principal exigência da militância chicana dizia respeito à educação – protestava-se, principalmente, contra altas taxas de evasão e a ausência de conselheiros e professores de origem mexicana. Tal descontentamento foi demonstrado através de manifestações em cidades de grande concentração chicana, principalmente Los Angeles.

O *Movimiento Chicano* teve importância vital no florescer da literatura chicana. Ainda que já houvesse uma produção literária desenvolvida pela comunidade mexicano-americana há mais de um século, somente a partir dos anos de 1960 essa produção passou a estar relacionada aos acontecimentos sócio-políticos. A partir de então o termo chicano, originalmente de tom pejorativo, passa a ser adotado pela comunidade para designar os habitantes da fronteira físico-cultural entre os Estados Unidos e o México (cf. PORTILHO: 2004, p. 21-4).

O narrador de Carlos Fuentes em *La frontera* traz para o leitor a figura da personagem Margarita Barroso, que dá nome ao título da terceira parte do conto final da história. Ela cruza a fronteira todos os dias, de El Paso (EUA) a Juárez (México), pois é supervisora de uma

das montadoras que o NAFTA¹⁷ fez brotar aos montes no lado mexicano da fronteira. Sobrinha-neta de Leonardo Barroso, o *self-made man* mexicano “que no cree en la filantropía familiar” (FUENTES: 2007, p. 246), dono da montadora em que trabalha. Margarita sequer tem contato com seu parente rico. Mas são outras as suas agruras. A través dela o narrador faz perpassar um sem-número de imagens que transitam entre o heterogêneo, o híbrido e a transculturação. Em Juárez, a heterogeneidade, a multiplicidade cultural mexicana, onde ela se permitia

[s]alir con las muchachas a las discos los viernes, total *allí ella se confundía entre la multitud*, a las mujeres les era permitida la fantasía en el atuendo, se veía cada facha, la *Rosa Lupe* con su manía de hacer mandas y *vestirse de carmelita*, la *Marina* que se moría por ver el mar, la muy pendeja, como si una vez zambutidas aquí a ninguna de ellas le tocaría la de buenas, qué esperanzas, la *Candelaria que se sentía Frida Kahlo* o algo así, vestida de la flor más bella del ejido, y la que ya no salía a

¹⁷ O NAFTA (North America Free Trade Agreement) foi criado em 1993 a partir de um acordo estabelecido entre Estados Unidos, México e Canadá. A través de tal acordo foi implantado o livre comércio entre esses países. No que tange ao caso México/EUA, efetivamente o tratado levou ao solo mexicano o estabelecimento de diversas *maquiladoras*, montadoras estadunidenses que visam à produção de eletrodomésticos, eletroeletrônicos, mercadorias do setor têxtil etc. Ou seja, material produzido a baixos custos no México (baixos impostos, baixos salários pagos à grande maioria de trabalhadoras mexicanas), com o objetivo de abastecer o mercado anglo-americano.

bailar, la *Dinorah*, *penando por su hijito que se le ahorcó por falta de famullo que lo cuidara*, quién le manda, ser soltera y con escuincle, la muy babosa, y vivir en los andurriales de Buenavista (FUENTES: 2007, p. 244-5 – grifo meu).

Contudo, o narrador insiste em relatar seus pensamentos. E, como continuidade, mostra a progressão dos assédios culturais a que a supervisora está exposta, pois para Margarita,

[m]ejor cruzar el río todos los días, irse a una casa suburbana de El Paso, aunque fuera en barrio negro, pero *asimilada*, que la sintieran *asimilada*, no quería ser vista como mexicana, ni como chicana, ella era gringa, vivía en El Paso, le decían Margarita en Chihuahua, pero en Texas era Margie, desde la escuela en El Paso le decían, oye, *tú eres blanca*, no te dejes llamar Margarita, hazte llamar Margie y pasa por blanca, ni quién se entere: no hables español, no dejes que te traten de mexicana, pocha o chicana.

- ¿Cómo te llevas con tu familia?

- Son increíbles. No puedo tener un date sin que mi mamá me atosigue preguntando, ¿es de buena familia, es de buena familia? Me dan ganas de salir con un negro para que les dé la alferecía.

- No seas bruta. Sal con puro güerito. *No admitas que eres mexicana* (FUENTES: 2007, p. 245 – grifo meu).

Branca. Mexicana? O que importa é que o astuto narrador criado por Fuentes opõe à certa heterogeneidade mexicana a narração do pensamento de uma personagem em constante atrito. Nos moldes dos preceitos de Canclini (cf. CANCLINI: 1999, *passim*, p. 14-20), um ser em processo de hibridação, atravessado por contradições. E essa perspectiva de incômodo, também pode ser avaliada à luz de outro personagem que se liga à questão chicana.

Em meu entendimento José Francisco, personagem da oitava fragmentação desse último conto, é na obra de Fuentes a mimese do escritor chicano. É a tentativa do autor de mimetizar nesse personagem a figura do escritor chicano¹⁸, uma (quase) homenagem alusiva. O personagem José Francisco é o responsável por questionar sobre o que é de cá ou o que é de lá nessa relação de conflito intermitente de fronteiras que atravessam pessoas na relação México/EUA. Sobre esse lá e cá, José Francisco também é um personagem atravessado por assédios culturais:

¹⁸ Já em *El espejo enterrado* Fuentes assinala querer mostrar maior proximidade com a questão da literatura chicana. Apesar de não citá-la por esse termo, toca nos nomes de uma literatura de resistência em solo estadunidense. Toca nos nomes e em obras de autores chicanos como: Rudolpho Anaya, Ron Arias, Alejandro Morales, Arturo Islas, Tomás Rivera, Rolando Hinojosa, Sandra Cisneros, Alberto Ríos (cf. FUENTES: 1997, p. 518-9).

Allá, acá. Que se cambiara el nombre de José Francisco a Joe Frank le dijeron en el high school, al graduarse. Era inteligente. Le iría mejor.

- Te irá mejor, boy.

- Me quedaré mudo, bato (FUENTES: 2007, p. 265).

Esse personagem José Francisco ao crescer se torna escritor, um traficante de escritos. E é, em minha visão, através desse “traficante” que a narrativa propõe certa síntese conciliadora de conflitos:

- Yo no soy mexicano. Yo no soy gringo. *Yo soy chicano*. No soy gringo en USA y mexicano en México. Soy chicano en todas partes. *No tengo que asimilarme a nada*. Tengo mi propia historia.

[José Francisco] La escribía pero no le bastaba. Su moto iba y venía por el puente sobre el río Grande, río Bravo, cargada de manuscritos, José Francisco *llevaba manuscritos chicanos a México y manuscritos mexicanos a Texas*, la moto servía para llevar rápidamente palabras escritas de un lado al otro lado, *ése era el contrabando de José Francisco*, literatura de los dos lados, para que todos se conocieran mejor, decía, para que todos se quisieran un poquito más, para que hubiera "un nosotros" de

los dos lados de la frontera (FUENTES: 2007, p. 266-7 – grifo meu).

A proposta conciliadora já transposta pelo narrador aos sentimentos de José Francisco pode ser percebida na síntese harmônica sugerida pela *chicanidade* do personagem. Apesar da correta representação narrativa, em José Francisco, do espírito questionador do chicano – aquele que questiona não só a mexicanidade de sua ascendência, mas, também, o anglo-americanismo que o relega às margens da sociedade –, será esse mesmo personagem, após a exposição narrativa dos conflitos internos que o atravessam, o responsável por romper (lançando um grito de vitória) a metafórica fronteira de cristal que impede a existência do *nosotros* conclamado por ele.

Mas, no jogo de discursos que se embatem e não se deixam apreender facilmente por teorias, outras oposições e enfrentamentos culturais são representativos até que se chegue ao fim do romance. E, para tanto, a narrativa passa, em certos momentos, a representar que o texto-rio¹⁹ a cruzar as (sub)histórias do último conto/capítulo é um texto o qual faz parte dos escritos do personagem José Francisco.

¹⁹ Termo cunhado pela Professora Maria Luiza Scher Pereira, em seu artigo “Ficção e identidade em Carlos Fuentes: *La frontera de cristal*” (1997: p. 105).

Assim, será nesse texto no qual, aparentemente, o narrador *coyote* de Fuentes dá lugar ao ‘chicano’ narrador-personagem José Francisco, que tempo (História) e espaço (a fronteira) se relacionam uma vez mais trazendo à baila os *cruces* culturais entre mexicanos e estadunidenses. Importa é que a narrativa de *La frontera* se volta a seu texto-rio, seu texto-leito para contar tantos históricos da definição do território mexicano. Desse modo, esse texto em *cursivas*, rio-história, convoca o leitor para mirar desde a conquista espanhola –

Llegaron el caballo, el cerdo, el ganado, las ovejas llegaron el acero y la pólvora llegaron los sabuesos, llegó el terror, llegó la muerte; cincuenta y cuatro millones de hombres y mujeres vivían en el vasto continente de las migraciones (...) y cuatro millones al norte del río grande, río bravo, cuando llegaron los españoles [y] cincuenta años más tarde, sólo vivían cuatro millones en todo el continente y las tierras del río casi se volvieron (...) la tierra donde el hombre nunca fue (FUENTES: 2007, p.243 – o grifo é do texto) –

à chegada dos ianques, resgatando o fato de que o *mojado*, o imigrante ilegal mexicano, foi precedido pelo *wetback*, o invasor anglo em busca de terras prósperas e em fuga do leste opressor de seu país:

Llegaron los gringos (¿quiénes son, quiénes son, por Dios, cómo pueden existir, quién los inventó?) llegaron gota a gota, llegaron a las tierras deshabitadas, olvidadas, injustas, olvidadas por la monarquía española y ahora por la república mexicana (...) que entren aunque sea ilegalmente, cruzando el río Sabinas, mojándose las espaldas, mandando al carajo la frontera (...) Ahora hay treinta mil colonos de origen norteamericano en el río grande, río bravo, y sólo unos cuatro mil mexicanos, el conflicto es inevitable: “México debe ocupar a Texas ahora mismo, o la perderá para siempre” (...) “pobre México, tan lejos de Dios y tan cerca de los Estados Unidos” va a decir un día (...) otro dictador²⁰ (FUENTES: 2007, p.261-2-3 – o grifo é do texto).

Mas, a oposição entre o mexicano e o estadunidense vai, na narrativa trazida pelo texto-río fuentesiano, ainda além, pois toca também na atitude expansionista anglo-americana (observada desde o traumático episódio do Álamo)²¹:

²⁰ O trecho situa seus acontecimentos ao segundo quartel do século XIX, período em que a mão dominante sobre o México foi a do ditador General Santa Anna. Entretanto, a frase final do trecho é atribuída, em conformidade com o que está no texto, a *otro dictador* mexicano: Porfírio Díaz, que impôs seu governo ao México de 1876 a 1911.

²¹ Controverso episódio da história de rivalidades entre México e Estados Unidos que, resumidamente, culminaria com a declaração de independência do Texas e sua posterior anexação pela nação anglo-americana.

Llegar al Pacífico, crear una nación continental, ocupar California: los vagones repletos, los coches, la gente de a caballo, las ciudades aglomeradas de pioneros, buscando certificados para las tierras nuevas, treinta mil gringos en Texas el día del Álamo, ciento cincuenta mil diez años más tarde, el día de la Guerra, Destino Manifiesto, dictado por el Dios protestante a su nueva Raza Elegida para someter a una raza inferior, una república anárquica, una caricatura de nación que le debe dinero a todo el mundo, con un ejército de caricatura, con sólo la mitad de los cuarenta mil hombres que dice tener, y esos veinte mil, casi todos, indios bajados de la sierra a tamborazos, soldados de la leva, armados con mosquetas inglesas inservibles; vestidos con uniformes harapientos (FUENTES: 2007, p.268 – o grifo é do texto).

Além do acima exposto, o texto-rio do último conto/capítulo, trabalha a relação tempo histórico/espço fronteiro “colando” a fragmentação dos acontecimentos simultâneos e não-lineares da narrativa do romance, através de uma espécie de convocação à fronteira dos variados personagens relacionados direta ou indiretamente aos Barroso. E, mesmo nesse chamamento em que tempo-história e fronteira-vórtice voltam a se imbricar, há lugar ainda para a abordagem representativa dos entrecruzamentos culturais

mexicano-estadunidenses. Assim, o narrador *coyote* de Fuentes volta a falar, conclamando também à fala os personagens enredados na trama narrativa de *La frontera*. Esse narrador ‘ordena’: “hablen todos, habla, Juan Zamora hincado atendiendo un cadáver” (FUENTES: 2007, p. 279). E tal cadáver “atendido” por Juanito é o de *don* Leonardo Barroso, assassinado em uma emboscada na fronteira, em uma cena que pode ser comparada à da morte do presidente norte-americano John F. Kennedy, pois ao lado de Leonardo Barroso no momento em que ele é morto a tiros estava sua nora e amante Michelina Laborde, que escapa milagrosamente, manifestando seu desespero em gritos e choro. Mas, o narrador cambiante de *La frontera* não deixa de chamar à fala os personagens do romance, dizendo “habla Margarita Barroso enseñando tu identidad incierta para poder cruzar la frontera” (FUENTES: 2007, p. 279). Porém, no que toca a Margarita Barroso, além de tudo o que já foi exposto anteriormente, importa escrever que ela é neta de outro personagem importante, Emiliano Barroso, o irmão mais velho de *don* Leonardo.

Emiliano é um velho pobre quase sem memória, preso a uma cadeira de rodas. Apresentado no conto “La raya del olvido”, ele se vê sozinho, abandonado em uma raia fosforescente, uma representação metafórica da fronteira que separa não apenas seu país dos EUA, mas

também que separa passado e futuro. Ao contrário de seu irmão, ele não se deixou seduzir pelo anglo-americanismo. Por isso, não atravessa a fronteira. Dessa maneira, vejo-o como a alusão a Emiliano Zapata, um dos heróis da Revolução Mexicana, a revolta armada que, a partir de 1910, quis, grosso modo, além da derrubada da ditadura de Porfírio Díaz, tomar e dividir a terra dos latifundiários mexicanos, promover a reforma agrária e, utopicamente, igualar as forças díspares das camadas sociais mexicanas, inclusive, pelo acesso dos mais pobres à alfabetização e educação. Contudo, os objetivos distintos das lideranças revolucionárias acabaram por deixar como maior legado aos mexicanos um nacionalismo avesso ao estrangeiro. Vejo tal aversão representada na figura do personagem Emiliano Barroso, o qual, metonímia de um México ainda hoje perdido, diz: “Quiero saber *quién soy* (...) (*X soy yo*)” (FUENTES: 2007, p. 103-4 – grifo meu).

Por fim, tornando ao texto-rio do último conto, destaco ainda o momento em que o narrador de *La frontera* traz de volta ao espaço da fronteira de cristal uma personagem cujas passagens narradas dialogam com a *hibridez* de que trata García Canclini (1990, 1999) e, ao mesmo passo, com a ensaística de Fuentes abordada na presente dissertação. O nome da personagem em questão é Marina, a *Malintzin de las Maquilas*, do capítulo homônimo. Na narrativa de *La frontera*

de cristal, Fuentes “desobriga” sua Malintzin do peso das implicações de seu nome, o mesmo pelo qual é chamada a figura de La Malinche (Marina, Malintzin). Porém, mesmo assim, é representativo seu papel de tradutora, de intermediadora em uma ponte de *cruces* linguísticos:

Ahora cruza el puente sobre el río grande, río bravo, Malintzin de las Maquilas, y lleva del brazo, protegiéndola, a una anciana muy pequeña (...) ilegible bajo el palimpsesto de las arrugas infinitas que cruzan su cara como el mapa de un país para siempre perdido, se la encargó la Dinorah, lleva a mi abuelita del otro lado del puente, Marina, entrégasela en el otro lado a mi tío Ricardo, él no quiere entrar otra vez a México, ya no sabe hablar español, le da pena, le da miedo también, que luego no lo dejen entrar de regreso, lleva a mi abuelita al otro lado del río grande, río bravo, para que mi tío se la lleve de vuelta a Chicago, ella sólo vino a consolarme por la muerte del niño²², ella sola no se sabe valer, y no sólo porque tiene casi cien años, sino porque lleva tanto tiempo viviendo como mexicana en Chicago que desde hace tiempo se le olvidó el español pero nunca aprendió el inglés, de modo que no puede comunicarse con nadie (FUENTES: 2007, p. 278 – o grifo é do texto).

²² Remeto o leitor ao trecho citado no alto da página 100 do presente trabalho.

Já em seu *El espejo enterrado* (1992), Fuentes escrevia sobre um acontecimento de grande força simbólica ocorrido com o artista Martín Ramírez, nascido em 1885,

[q]uien fue un trabajador ferrocarrilero inmigrante que llegó de México, y (...) perdió el habla y fue por ello condenado a vivir tres décadas en un manicomio de California hasta su muerte en 1960 (...) Pero Martín no estaba loco. Simplemente, no podía hablar. De manera que en la cárcel se convirtió en un artista y durante 30 años pintó su propio silencio (FUENTES: 1997, p. 519-20).

Desse modo, a personagem de *La frontera de cristal* (1995) que não consegue falar inglês e tampouco o espanhol está diretamente ligada ao contato do texto ensaístico de Fuentes, em *El espejo enterrado*, com a temática de entrecruzamento linguístico aqui observada. E esse cruzamento de instâncias do discurso fuentesiano permite aproximar seu texto ficcional à categoria de heterogeneidade literária, defendida por Cornejo-Polar (cf. CORNEJO-POLAR: 1996, p. 55-6). Mais ainda, também em diálogo com a *hibridez* e com os processos de hibridação abordados por Canclini, a personagem conduzida por *Malintzin de las Maquilas* em *La frontera* pode ser lida

como um ser híbrido que, entretanto (fugindo da acepção biológica do termo), continua “(re)produzindo” comunicação. De volta à narrativa do episódio ficcional supracitado, temos que a avó de Dinorah não pode comunicar-se com ninguém,

[s]alvo con el tiempo, salvo con la noche, salvo con el olvido, salvo con los perros ixcuintles y las guacamayas, salvo con las papayas que toca en el mercado y los coyotes que la visitan cada amanecer, salvo con los sueños que no puede platicarle a nadie, salvo con la inmensa reserva de lo no dicho hoy para que pueda decirse mañana (FUENTES: 2007, p. 278 – o grifo é do texto).

E assim, a narrativa em *cursivas* do capítulo final de *La frontera* atrai para o seu seio as narrativas outras do romance e toca em seu curso as duas margens do rio Grande, rio Bravo, mesclando História e ficção, tocando amor e repulsa mútuos, dialogando com caminhos de difícil reconciliação, relativizando a ótica do eu e do outro ao Sul e ao Norte da fronteira na adaptação do que teria dito o ditador Porfírio Díaz. Complementando e relativizando a fala atribuída àquele ditador, o narrador fuentesiano diz: “Pobre México, pobre Estados Unidos, tan lejos de Dios, tan cerca el uno del otro” (FUENTES: 2007, p. 280).

Considerações Finais

O interesse pelo temário conquista/imigração/fragmentação de identidades sob a ótica das conflituosas relações entre México e Estados Unidos advém da atualidade, da contemporaneidade do tema e da maneira como dele se apropria a ficção no romance *La frontera de cristal*. Entendo que, ao mesmo passo em que é atual, o romance em relevo não deixa de abordar a representação de processos histórico-sociais na construção das personagens da narrativa. O livro em foco – através de uma literatura de cunho crítico e reflexivo – traz à baila questões culturais que atravessam passado, presente e futuro nas relações de sonhos, de conflitos e identidades entre mexicanos (e, por que não dizer, latino-americanos como um todo) e estadunidenses.

Há que se ressaltar, ainda, o diálogo que emerge de *La frontera de cristal* com a cada vez mais crescente “hispanização” dos Estados Unidos, capitaneada por uma grande maioria de imigrantes mexicanos e seus descendentes. Tal processo vem se fazendo notar desde as eleições presidenciais de 1996, que deram a vitória a Bill Clinton, até a recente escolha de Barack Obama como o principal ocupante da Casa Branca. Em todos esses pleitos, passando ainda pelo duplo

mandato de George W. Bush, o voto “latino” (como costuma ser chamado o hispânico na terra do Tio Sam) contribuiu de forma decisiva para a eleição do presidente da mais poderosa nação do mundo. E, para essa conquista do voto hispânico, os candidatos muitas das vezes fizeram desfilar suas bravatas atravessando, ou mesmo finalizando, suas retóricas com emblemáticas frases ditas em espanhol.

Ainda sobre a questão linguística, salta aos olhos (e/ou aos ouvidos) outro fato interessante: a presença do espanhol, mesmo que de um modo funcional, como segunda língua nos EUA; seja ao dividir espaço em contas de luz, telefone, em saldos bancários (principalmente nos estados do sudoeste) (cf. TORRES: 2001, p.9); seja na necessidade de que se baixem decretos que apontem como língua oficial de um estado o inglês, o que de maneira recorrente acontece com a Califórnia; ou, inclusive, quando se atenta para a proximidade semântica entre o slogan “*Yes, we can*”, da campanha presidencial de Obama, com o “*Sí se puede*”, muito usado pelos hispano-americanos em jogos esportivos cuja vitória é considerada de difícil obtenção.

Dessa forma, ousou escrever que a literatura de Fuentes em *La frontera de cristal*, lançado em 1995, é uma espécie de vaticínio sobre

a questão México/Estados Unidos. Isso porque, através da ficção, antecipa a relevância que pouco a pouco teria para o mundo o conhecimento das relações de fascínio e rancor entre esses dois países tão próximos – e tão distantes. Em tempos de fuzis que são vendidos por comerciantes norte-americanos para traficantes mexicanos; em tempos de uma virose (a gripe suína) que acirrou o preconceito do Primeiro para o Terceiro Mundo; e em tempos em que a “latinização” dos Estados Unidos se apresenta como um reverso quase natural decorrente de anos da política expansionista norte-americana por sobre a América Latina, não me parece exagero apontar que a atenção dada atualmente às grandes ondas migratórias dos habitantes dos países periféricos para os países desenvolvidos já se podia perceber nas páginas de *La frontera de cristal*. No caso específico do México, trata-se do que o personagem Dionisio Rangel, de “Los Despojos” (terceiro conto do romance), chama de a recuperação da pátria perdida, graças ao imperialismo cromossômico e linguístico mexicano dentro do território que lhe foi tomado pelos anglo-americanos (cf. FUENTES: 2007, p. 65).

Meu caminho para a obtenção de uma hipótese com a qual eu pudesse dialogar na construção de meu trabalho passa pelas abordagens expostas já no Capítulo I. Naquele capítulo, fundamentei

minha reflexão à luz de teorizações sobre os termos *nação* e *nacionalismo*, relacionando-os com o que se entendia por *fronteira* no México (nação em formação) e nos Estados Unidos (nação em expansão) no século XIX, tempo em que se iniciam as rivalidades entre esses dois países. Vimos, ainda, como a historiografia pôde agir como poder legitimador das ações expansionistas estadunidenses, promovendo o apagamento da marca mexicana da história de contato e choque entre essas duas culturas.

A busca de uma espécie de *ethos* mexicano esteve, e ainda está, presente no fazer literário de grandes nomes da intelectualidade do México. E, no Capítulo II, conferi especial atenção às proposições de alguns desses intelectuais, visando ao diálogo com suas abordagens e à relevância de seus argumentos junto à análise de meu *corpus*. Como em seus estudos sobre o nacionalismo do mexicano, sobre a mexicanidade de seu povo, esses intelectuais tocam no choque de culturas entre conquistador e conquistado, entre dominador e dominado foi possível também estabelecer um diálogo entretecido com algumas importantes categorias que versam sobre “intercontaminações” culturais na América Latina. Assim, compôs também esse capítulo a apresentação dos conceitos de transculturação,

hibridismo, processos de hibridação e heterogeneidade cultural – todos se entremeando na análise posta em prática no capítulo seguinte.

No Capítulo III, veio à baila a análise propriamente dita de *La frontera de cristal*. Nela, trabalhei em conjunto minhas interpretações da obra e as fundamentações teóricas abordadas nos capítulos que a antecederam. Por encontrar, ainda, correspondências entre a ficção de *La frontera* e ensaios do próprio Carlos Fuentes, a confluência surgida dessa imbricação foi preponderante para o caminho traçado na análise. Os três tópicos (inter-relações culturais/feminino/tempo-espço) sobre os quais ancorei minhas observações não se esgotam em suas linhas. Antes, “invadem” o espaço de cada temática, dialogam e se mesclam como prova, inclusive, da dialética que a leitura de *La frontera de cristal* faz emergir.

Concluo aqui minha trajetória, colocando que apontar qual(is) resposta(s) sobressai(em) das imagens refletidas pelo roto, pelo fragmentado cristal da fronteira México/EUA, representados na ficção de *La frontera*, foi uma das molas propulsoras da presente pesquisa. Em um primeiro momento, a(s) solução(ões) encontrada(s) gravitaram entre o entendimento e a aceitação de tal fragmentação na representação das personagens do romance. Todavia, outra hipótese terminou por ganhar mais força que a anterior na repetição constante

da análise: a necessária (re)afirmação do sujeito mexicano (em especial, o fronteiriço) através da negação da fragmentação de sua identidade diante do outro estadunidense. Nesse caso, a síntese desse *ethos* mexicano evidencia a herança hispânica como traço marcante de um mexicanismo que só assim acredita poder fazer frente ao rival ianque. Não obstante, à representação desse sentimento Fuentes soma em sua narrativa a reflexão sobre o apagamento da marca indígena no México. E não somente na crítica ao exotismo e preconceito com que é visto e tratado o mexicano pelos estadunidenses; mas, também, na representação do olhar e tratamento que a própria sociedade mexicana relega a sua herança indígena. Desse modo, mesmo por vezes flertando com a proposta de uma síntese harmônica para os conflitos representados, a literatura de Fuentes em *La frontera de cristal* (entre transculturadora e heterogênea) ao fim e ao cabo não define, não responde ou apresenta soluções para as questões inerentes à temática México/Estados Unidos. Melhor que isso, problematiza tais questões.

Dessa forma, entendo que o jogo dialético advindo das artimanhas, das armadilhas preparadas pelo narrador *coyote* de Carlos Fuentes propicia a discussão de um temário que, a meu ver, dada sua importância, ainda carece de melhor abordagem por parte dos estudos e cursos de literaturas hispânicas.

Obras citadas

ACUÑA, Rudolfo. *Occupied America: A History of Chicanos*. 3ª ed. New York: Harper Collins, 1988.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. Lisboa: Edições 70, 2005.

BETHELL, Leslie (org.). *Historia de América Latina 13: México y El Caribe desde 1930* (The Cambridge History of Latin America VII. Latin America Since 1930: Mexico, Central America and The Caribbean). Trad. de Jordi Beltran. Barcelona: Grijalbo Mondadori, 1998.

CORNEJO-POLAR, Antonio. “Mestizaje, transculturación, heterogeneidad”. In: MAZZOTTI, José Antonio e CEVALLOS AGUILAR, U. Juan (coords.). *Asedios a la heterogeneidad cultural. Libro em homenaje a Antonio Cornejo Polar*. Philadelphia: Asoc. Internacional de Peruanistas, 1996, p. 54-6.

_____. “Mestizaje e hibridez: los riesgos de la metáfora. Apuntes”. *Revista Iberoamericana*, vol. LXIII, nº. 180, jul.-set. 1997, p. 341-4.

FUENTES, Carlos. *El espejo enterrado*. México, D.F.: Santillana (Alfaguarra), 1997.

_____. *La frontera de cristal: una novela en nueve cuentos*. México, D.F.: Alfaguarra, 2007.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Culturas híbridas. Estrategias para entrar y salir de la modernidad*. México: Grijalbo, 1990.

_____. *Culturas híbridas. Estrategias para entrar y salir de la modernidad*. Buenos Aires: Paidós, 1999.

GIARDINELLI, Mempo. *Assim se escreve um conto* (Así se escribe un cuento). Trad. de Charles Kiefer. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade* (The question of cultural identity). Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

J. WEBER, David. *La frontera norte de México, 1821-1846*. Madrid: Editorial MAPFRE, 1992.

MRAZ, John. “México/USA: visual transculturation and national identity”. In: KNAUSS, Paulo & TORRES, Sonia, orgs. *Transit Circle: Revista brasileira de estudos americanos*. Rio de Janeiro: Contra Capa, vol. 5, Nova Série. Número especial América: modernidades múltiplas, 2006, p. 106-131.

ORTIZ, Fernando. *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*. Madrid: Cátedra, 2002.

O’SULLIVAN, John. On Manifest Destiny. 1839. Disponível em: http://www.civics-online.org/library/formatted/texts/manifest_destiny.html.

PAZ, Octavio. *El laberinto de la soledad*. 2ª ed. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1959.

PEREIRA, Maria Luiza Scher. “Ficção e identidade em Carlos Fuentes: La frontera de cristal”. *Ipotesi*. vol. I, nº 1, jul/dez. Juiz de Fora: EdUFJF, 1997, p. 101-9.

PORTILHO, Carla. *Contra-escrituras chicanas: revisitando mitos e subvertendo gêneros*. Dissertação de mestrado em Letras, UFF, 2004. Mimeo. 106 p.

RAMA, Ángel. “Literatura e cultura”, en *Transculturación narrativa en América Latina*. [1982] Buenos Aires: El Andariego, 2007, p.15-65.

RAMOS, Samuel. *El perfil del hombre y la cultura en México*. 4ª ed. México: UNAM, 1963.

_____. *El perfil del hombre y la cultura en México*. 12ª ed. México: Espasa-Calpe Mexicana, 1984.

SOBREVILLA, David. “Transculturación y heterogeneidad: avatares de dos categorías literarias en América Latina”. *Revista de crítica literaria latinoamericana*. Lima: Hanover, 54, 2º sem. 2001, p. 21-33.

TORRES, Sonia. *Nosotros in USA: literatura, etnografía e geografías de resistência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

TROINA, Carina Andrade. *Maneiras outras de contar: o corrido e o cordel*. Dissertação de mestrado em Letras, UFF, 2005. Mimeo. 132 p.

TURNER, Frederick Jackson. *Oeste americano – quatro ensaios de história dos Estados Unidos da América*. Trad. de Paulo Knauss e Ina de Mendonça. Niterói: EdUFF, 2004.

Bibliografia

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina. vol. VI. A América Latina após 1930: economia e sociedade*. Trad. de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: EdUSP, s/d.

CALDAS, Bárbara Regina de Andrade. *Navegando a fronteira México-EUA: Testemunhos de imigrantes indocumentados*. Dissertação de mestrado em Letras, UFF, 2006. Mimeo. 112 p.

COLOMBO, Sylvia. *Literatura: Carlos Fuentes constrói ponte sobre o Atlântico*. *Folha de São Paulo*. São Paulo: 26 mai. 2001. Folha Online Ilustrada. Disponível na internet via: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u13889.shtml>.

CORNEJO-POLAR, Antonio. *O condor voa. Literatura e cultura latino-americanas*. [org. de Mario J. Valdés] Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*. México, D. F.: Editorial Porrúa. Tomo I, II. 1960.

DOS SANTOS, Jurandir Soares (Trad.). *A conquista do México (As cartas de relatos de Hernan Cortez)*. Porto Alegre: LP&M, 1996.

FUENTES, Carlos. *La frontera de cristal: una novela en nueve cuentos*. México, D.F.: Alfaguara, 1997.

_____. *A fronteira de cristal (La frontera de cristal)*. Trad. de Mauro Gama. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

_____. *La nueva novela hispanoamericana*. México: Joaquín Moritz, 1978.

_____. "México y los EEUU: los platos llenos". *El País*. Madri: 20 fev. 1997. Opinión.

FUSER, Igor. *México em transe*. 2ª ed. São Paulo: Scritta, 1995.

FLORES, Lauro. “Apuntes para la historia de la literatura chicana”. In: *América Latina: palavra, literatura e cultura*. PIZARRO, Ana (org.). São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1995, 3v. p. 581-600.

_____. “La ‘teoría de las dos culturas’ y la literatura chicana”. *Revista Plural*. [s. l.]: [s. n.], vol. 14, 10 jul. 1985, p. 44-9.

GARCÍA LÓPEZ, José. *Historia de la literatura española*. 19ª ed. revisada. Barcelona: Editorial Vicens-Vives, 1977.

GÓMEZ-PEÑA, Guillermo. “La cultura fronteriza: un proceso de negociación hacia la utopía”. In: CENTRO CULTURAL DE LA RAZA. *La línea quebrada*. Tijuana: [s. n.], 1986.

HOBBSAWN, Eric & RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1997. (Pensamento crítico, v. 55).

MARBÁN, Edilberto. *Curso de historia de América*. New York: Minerva Books. Tomo II. 1963.

MEMMI, Albert. *Retrato do descolonizado*. Trad. de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

PAREDES, Américo. *With his Pistol in His Hand: A Border Ballad and its Hero*. 3ª ed. Austin: University of Texas Press, 2001.

PAZ, Octavio. *Sor Juana Inés de la Cruz o las trampas de la fe*. [s. l.]: Seix Barral, 1982.

PERILLI, Carmen. Entre molinos de viento y metrópolis de cartón: la novela en Carlos Fuentes. *Espéculo. Revista de estudios literarios*. Universidad Complutense de Madrid: 2001. Disponível na Internet via [http:// www.ucm.es/info/especulo/numero18/c_fuentes.html](http://www.ucm.es/info/especulo/numero18/c_fuentes.html).

_____. Arielismo en la escritura de Carlos Fuentes. *Espéculo. Revista de estudios literarios*. Universidad Complutense de Madrid: 2003. Disponível na Internet via <http://www.ucm.es/info/especulo/numero23/mestizaj.html>.

PORTILHO, Carla. “Intérprete”. In: BERND, Zilá (org). *Dicionário de figuras e mitos das Américas*. Porto Alegre: Tomo Editorial/UFRGS Editora, 2007.

RAMOS, Julio. *Desencuentros de la modernidad em América Latina – literatura y política en el siglo XIX*. Santiago: Cuarto propio, 2003.

S. CARDOSO, Ciro Flamarion. *América pré-colombiana*. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

SILVA HERZOG, Jesús. *Breve historia de la Revolución mexicana: los antecedentes y la etapa maderista*. 2ª ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1985.

SILVA, Maria Aparecida da. “O sentimento trágico de ser mexicano”. In: COUTINHO, Eduardo F. (org.). *A unidade diversa: ensaios sobre a nova literatura hispano-americana*. Rio de Janeiro: Anima, 1985, p. 129-55.

STAVANS, Ilan, ed. *Latino history and cultura*. New York: Collins Q & A, 2006.

TREVISAN, Ana Lúcia. *O espelho fragmentado de Carlos Fuentes: literatura e história em Terra Nostra*. São Paulo: Mackenzie, 2008.

TROUCHE, André. *América: história e ficção*. Rio de Janeiro: EdUFF, 2006.

ZEA, Leopoldo. “¿Descubrimiento o encubrimiento?”. In: *Revista América Latina*. Moscú: Editorial Progreso Moscú, 2 feb. 1989, p. 4-13.

Sumário

Apresentação	pg. 11
Capítulo I: A ruptura primeira do cristal: a fronteira e a formação da identidade nacional mexicana	pg. 19
Capítulo II: Confluências: intelectuais mexicanos, o “sentir-se mexicano” e categorias culturais e literárias na América Latina	pg. 41
Capítulo III: Colisões: reencontros e desencontros na fronteira de cristal	pg. 69
O gênero feminino no <i>quién soy yo</i> de <i>La frontera de cristal</i>	pg. 72
Inter-relações culturais em <i>La frontera de cristal</i>	pg. 89
A relação espaço-tempo de um romance em nove contos	pg. 104
Considerações finais	pg. 122
Obras citadas	pg. 128
Bibliografia	pg. 131

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)